CARTOGRAFIA SOCIAL DO TERRITÓRIO TRADICIONAL DA PESCA ARTESANAL DA TAINHA NO DISTRITO DO CAMPECHE

FLORIANÓPOLIS -SC

CARTOGRAFIA SOCIAL DO TERRITÓRIO TRADICIONAL DA PESCA ARTESANAL DA TAINHA NO DISTRITO DO CAMPECHE • FLORIANÓPOLIS - SC

AUTORES DA CARTOGRAFIA

Ademir Damasco, Alencar Valmor Vigano (Deck), Amilton Andrade, Ana Maria Pires (Nina), Aparício Manuel Inácio, Artur Manoel da Cunha (Tuca), Artur Manoel Nunes, Ataide Silva, Bernardino Rosalino Teixeira, Carlos Martins Pires, Claudinei José Lopes (Nem), Ciro Braz, Edney Carlos Pires, Eduardo Adilton Medeiros, Eva Inácio (Leonir), Fabio Euzebio, Giselle Ramos, Getúlio Manoel Inácio (in memoriam), Hugo Adriano Daniel, Irenilda Faustino Braz, Ivan Tito Inácio, Ivani Aroldo Faustino, João Atalibio da Chagas (Joquinha), José Volnei Lourenço Heerdt, Junior Silvino Daniel (Coelho), Lucia Chagas, Miguel Quirino Braz (in memoriam), Miguel Quirino Braz Filho (Miguelinho), Nair Bregue Braz (Dona Tita) in memoriam, Norberto Manoel Martins (Beto do Seu Maneca), Osmar João da Cunha, Pedro Aparício Inácio (Pedrinho), Roberta de Paula Braz, Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

EQUIPE TÉCNICA

André Oliveira
Claudia Hickenbick
Elisa Freitas Schemes
Gisele Ramos
Patricia Felix
Roberta de Paula Braz
Renata Zambonim

EQUIPE DE GESTÃO

Regina Rosa de Godoy
Celso Rabetti

EQUIPE DE PESQUISA E MAPEAMENTO

André Oliveira
Giselle Ramos
Patricia Felix
Roberta de Paula Braz

FORMAÇÃO DA EQUIPE

Renata Zambonim

COORDENAÇÃO

Patricia Felix

MAPAS

André Oliveira

EDIÇÃO DO TEXTO

Gisele Ramos
Patricia Felix
Renata Zambonim
Roberta de Paula Braz

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Mathias de Barcelos

FOTOS

André Oliveira
Amilton Andrade
Gisele Ramos
Hermes Daniel
Mathias de Barcelos
Milton Ostetto
Patricia Felix
Ronaldo Andrade
Roberta Braz
Silézio Sabino
Arquivo Pessoal de Fotos: Ataíde Silva, Dico, Pedrinho, SOS Praia Limpa, Tekoá Pirá

APOIO

Raquel Mombelli

ISBN

ISBN: 978-65-990857-1-0

CBL

9 786599 085710

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cartografia social do território tradicional da pesca artesanal da tainha no Campeche / Associação dos Pescadores Artesanais do Campeche. -- 1. ed. -- Florianópolis, SC : Instituto Campeche : Projeto Tekoá Pirá, 2021.

Vários participantes.
ISBN 978-65-990857-1-0

1. Cartografia 2. Comunidade de pesca - Distrito de Campeche (SC) 3. Espaço geográfico 4. Mapeamento 5. Pesca artesanal - Brasil 6. Pescadores - Condições sociais 7. Tainha (Peixe) - Pesca I. Associação dos Pescadores Artesanais do Campeche.

21-67544 CDD-621.3678

Índices para catálogo sistemático:

1. Cartografia social do território tradicional da pesca artesanal : Distrito de Campeche : Santa Catarina : Mapeamento : Espaço geográfico 621.3678

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

INTRODUÇÃO

Esse caderno da Cartografia Social do Território Tradicional da Pesca da Tainha no Campeche tem autoria dos pescadores artesanais e demais integrantes da comunidade de pesca do distrito do Campeche, e também do Projeto Tekoá Pirá, Projeto de Base Comunitária que têm como objetivo dar visibilidade à Cultura Local de Florianópolis. O Instituto Campeche realizou a gestão do projeto contemplado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura – Edição 2020, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense da Cultura.

A Cartografia Social busca mapear grupos sociais, descrevendo-os e georreferenciando-os, com base no que é considerado relevante pelo próprio grupo. Dessa forma, lideranças e membros das comunidades são os sujeitos na seleção do que consta no mapa.

Essa cartografia propõe mapear o território tradicional da pesca artesanal da tainha do Distrito do Campeche em Florianópolis, Santa Catarina, utilizado pelos pescadores artesanais da tainha, suas famílias e comunidade. As informações contidas nesse mapa social trazem o que os autores querem registrar nesse momento, em uma linha de vida, de passado, presente e futuro: seus locais de memória, suas lutas e conquistas, sua relação com a pesca e com o território. Também traz seus olhares sobre o que almejam e reivindicam.

Mesmo diante do desafio imposto pela pandemia do COVID-19, a equipe técnica, em conjunto com a comunidade de pesca, experimentou a execução de cada etapa de trabalho adaptando-se aos protocolos sanitários e fazendo uso da possibilidade de encontros e oficinas remotas – buscando manter a qualidade da potencialização da inteligência coletiva. Queremos destacar que a equipe responsável pelas entrevistas foi composta por netas e filhas de pescadores, o que reforça a busca de um automapeamento.

Além das entrevistas realizadas no primeiro semestre de 2021 para este trabalho, foram também considerados falas e depoimentos coletados pelo Projeto Tekoa Pirá no contexto do Projeto de Extensão do IFSC, intitulado Roteiro Turístico de Base Comunitária: A experiência cultural da pesca artesanal da tainha na praia do Campeche e o registro deste saber como Patrimônio Cultural de Santa Catarina.

Muitos cadernos de cartografia social são instrumentos utilizados para fazer valer os direitos dos grupos neles auto representados. Em um processo de territorialização e expressão de sua identidade numa base cartográfica, os autores buscam visibilidade também de interesses de suas comunidades, em busca da conquista de seus direitos.

A comunidade de pesca artesanal do Campeche busca, também com esse registro espacial, textual e em imagens, se fazer reconhecer e respeitar a sua forma de viver e se desenvolver.

Boa leitura!
Equipe Técnica

“Quando você conta a história de uma região, você conta culturas, você tá começando a entrar em subsistência, você tá começando a entrar em povos ancestrais, esse povo vem com uma cultura.” Getúlio Manoel Inácio in memoriam

Esse lugar tem uma história e tem um povo que faz essa história. E que quer continuar fazendo.

O TERRITÓRIO

“O Distrito do Campeche começa na Campina, parte norte, da Lagoinha para cá, toda essa área costeira, tudo é Campeche.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“O Campeche vai do Morro das Pedras ao Canto da Lagoa, agora uniu tudo e é Distrito do Campeche.” Aparício Manuel Inácio

“Pra mim é o Pontal e a Campina.” Miguel Quirino Braz Filho

“Trilha do Morro do Lampião” Foto: Mathias de Barcelos

“O Campeche vai desde o Costão da Joaquina até o Costão do Morro das Pedras. O Morro das Pedras é o costão sul da praia do Campeche e a Joaquina é o costão norte. Essa é a definição oficial.” Alencar Valmor Vigano (Deck)

“O Campeche é formado por dois agrupamentos de pessoas: O Pontal e o Mato de Dentro - que é a parte mais de cima, da Igrejinha pra cima.” Hugo Adriano Daniel

“O lugar do pescador daqui é toda esta extensão. É a área de pesca do pessoal do Campeche, sempre foi.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

NOSSAS FAMÍLIAS NESSE TERRITÓRIO

“Grandes Nomes da Pesca” Foto: Mathias de Barcelos

“Aqui não é como uma vila de pescadores, todo mundo no mesmo local. As famílias de pescadores estão mais espalhadas.Tem muitos pescadores antigos aqui que tem a sua casa, e nem todas estão próximas aos ranchos.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“Quando tu fala da história do Campeche, fala de famílias que se identificaram com a pesca e com a agricultura.” Ataíde Silva

SER PESCADOR ARTESANAL DA TAINHA NO CAMPECHE

"Ser pescador está no íntimo da pessoa que cresceu pescando, acompanhando seus avós e seus pais. O que ele conhece da pesca é uma coisa maravilhosa, é divino, ele dá a vida pela pesca." Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

"Pesca da Tainha no Campeche" Foto: Ronaldo Andrade

"Pescador é aquele que espera o ano inteiro pra pescar tainha, se prepara para isso, trabalha o ano inteiro para isso." Alencar Valmor Vigano (Deck)

"Fui criado nesse meio desde pequeno cai o umbigo, ali dentro do rancho e fica. Essas coisas passam de pai pra filho." Ciro Miguel Braz

"O pescador adora mesmo quando pega o peixe. ***Ver um cardume de peixe não tem preço!*** O contato com o pessoal é muito gostoso, com os pescadores, ficamos no rancho, ouvindo histórias antigas, relembrando o passado. É um grupo." Pedro Aparício Inácio

"Pescador é um meio de sobrevivência também! Nas antigas, ou ia pra roça ou ia pescar." Ciro Miguel Braz

"Ser pescador é coisa que se reconhece como pessoa." Alencar Valmor Vigano (Deck)

"O pescador gosta de fazer tudo: conserta canoa, remenda rede, entralha, igual eu tô fazendo agora. Pescador que é pescador tem que aprender a fazer tudo." Ciro Miguel Braz

"Ser pescador é tudo! Não tem internet, não tem televisão, não tem nada que dê um prazer tão grande de estar no meio do mar pescando. Gosto mais de pescar com rede, qualquer tipo." Miguel Quirino Braz Filho

"Pescadores do Campeche" Foto: Ronaldo Andrade

"Pescador é o que está aqui, vê tudo isso mudar, mas segue na sua resistência, entende a importância de sua tradição. Pescador artesanal não depreda patrimônio." Ataíde Silva

"Sempre fui pescador na vida." Fabio Euzebio

MULHERES NA PESCA

“Mulher participa da pesca. Na praia do Campeche, não via mulheres na rede, mas elas vendem, fazem outras coisas. Tem uma senhora que vivia disso, tirava muito marisco no costão do Morro das Pedras, tirava castela e vendia.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“A mãe fazia tarrafa de camarão, de peixe, também rede de tainha. Fazia ligeiro que não se via a mão dela. Ela nunca amarrava, botava um prego no assoalho, esticava a tarrafa grandona.Sentava e dali pau! Fez muita tarrafa de tucum: tirava a folha, botava pra curtir, depois fazia a linhazinha e a rede de tainha.” Bernardino Rosalino Teixeira

“Minha mãe pescava cará na Lagoa, também tirava marisco. Peixe sempre teve, mas acontecia às vezes de não ter como pescar no mar, e era ela então que trazia.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“Mulher ia na praia pra levar café ou comida, que não tinha almoço como tem hoje, e não tinha cozinha no rancho. Levavam café, os pratos um em cima do outro, a garrafa de vidro com leite, tapada com uma rolha.” Miguel Quirino Braz Filho

“Mulher que sempre ia na praia, não pra puxar rede, era a sinhá Tereza. Todo dia ia tirar siri, marisco, também lá no Morro das Pedras, Moçambique. Era a única mulher que a gente via na praia pra pegar o pão de cada dia.” Irenilda Faustino Braz

“Tem uma tradição, que é dizer que as mulheres são as ‘gaivotas’. Que diz que quando vem o peixe na praia, a mulherada vem, atraídas que nem as gaivotas, levando uma parte do quinhão.” Ataíde Silva

“Hoje mudou! Por causa de um comentário que eu ouvi de um pescador: - Gaivota, gaivota! Ouvi “gaivota” e fui procurar no horizonte onde é que tinha gaivota. E eram as mulheres! Olha só, que machismo! Não consigo ouvir isso! Quem fala diretamente pra mim, eu ainda corrijo.

“Mulheres Camaradas” Foto: Arquivo Ataíde Silva

Não se usa mais isso, as mulheres estão presentes, elas deviam participar também como pescadoras, seja como camarada da rede. Tão pescando eu vou lá e puxo a rede junto. Mas ainda eu não vejo isso, eu sou crítica nisso da pesca. Mas eu admiro muito os pescadores!” Lucia Chagas

A PESCA ARTESANAL DA TAINHA NO CAMPECHE

"Pesca da Tainha" Foto: Ronaldo Andrade

"A pesca da tainha, não só aqui, mas em todo Brasil, é do tempo dos índios, quando não tinha europeu nenhum aqui.

Pra pesca da tainha, precisa de trabalho do coletivo. Logo cedinho, a gente tá na praia, vai pros ranchos, toma café, busca a rede. Os vigias lá na duna, ficam de ver a avisar quando o cardume tá perto. Quando eles avisam, a gente corre, se apressa pra colocar a canoa na água. Rema e vai colocando a rede na água, rede longa, de metros e metros de comprimento. Vai colocando a rede cercando o cardume. Nessa hora, a gente pode bater com o remo no mar, como se fosse porrete, para ajudar pegar a tainha. Aí precisa de duas equipes pra puxar a rede, em pontos diferentes, até chegar na praia. Volta pra praia, vai descendo do barco puxando a rede. A gente já vê o povo na praia. Haja braço pra puxar, nesses lanços pode ter toneladas de peixe!" Ataíde Silva

"E essa arte de jogar a rede, de cercar, não é simplesmente jogar a rede. Tem todo um aprendizado, têm um mergulho nessa cultura. ***A pesca da tainha é uma atividade cultural.*** Eu pesco com a minha canoa, eu reparto com toda a pesca da região, é pesca de maneira comunitária. ***É um patrimônio de todos. Tem todo um regramento claro: um patrão, que é o dono da rede, mas ela é de toda gente!"*** Alencar Valmor Vigano (Deck)

"Mas muito antes a gente já respira a pesca. Antes tem preparação, os ranchos, as redes de arrasto, organiza as parelhas. Nas parelhas vai o patrão, os remeiros, os camaradas." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"A gente gosta mais é quando cerca e pega peixe, daí tem pra todo mundo. Todo mundo sai contente, todos ganham. É um prazer pra todo mundo. Coza linda!" Aparício Manuel Inácio

"A pesca da tainha é uma congregação: eles tomavam café no rancho, almoçavam no rancho, tomavam o café da tarde, jantavam junto. Momento que todo mundo se encontrava, era um momento de reunião da comunidade, era a assembleia da comunidade, era ali que se decidiam as coisas, era ali que se fazia negócios, era onde se fazia tudo." Alencar Valmor Vigano (Deck)

"Pesca da Tainha" Foto: Arquivo Pedrinho

"Hoje, já não se vive da pesca. Mesmo assim, a pesca da tainha é nossa vida." Miguel Quirino Braz Filho

A TAINHA (Mugil liza)

"A tainha é um peixe é peixe muito inteligente. Dá baile no pescador em questão de segundos. Ela vem para cá para fazer a desova. É o único peixe que é pescado na desova." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"A vida da tainha primeiro é no mar e depois sai pra lugar calmo pra crescer, se alimentar. Depois volta adulta pro mar. Aí elas vêm da baía pro oceano em cardumes grandes, machos e fêmeas. Ela gosta de nadar a favor das correntes, e também de mar manso. Mas quando tem um vento sul, uma ressaca, que o surfista gosta, ela corre pra dentro da baía, pra buscar água mais quente." Ataíde Silva

"Tainha no Campeche" Foto: Ronaldo Andrade

"O peixe faz o corso, sai de uma baía, onde ele tava comendo folhas - fica com a barriga pretinha. Quando sai da boca da barra, e pega o oceano, ela se purifica, começa a comer uns crilzinho, e vai perdendo aquele pretume, aquele gosto, fica com carne branquinha, saborosa, gordura com banha branca dentro." Ademir Damasco

"E aí ela gosta também, gosta muito, ela brinca quando o mar tá agitado, ela nos provoca." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

TEMPO DE PESCAR

"Pescar tainha é maio e junho, no outono e no inverno." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"Tem de ter a safra - de 1º de maio e vai até o dia 31 de julho - pra preservar sempre, pois a pesca da tainha é na época de sua reprodução." Ataíde Silva

"Mas chega ali mês de setembro, outubro, a gente já começa pensar na pesca da tainha do ano seguinte. Remendando rede, melhorando as canoas, já vai se conversando como vai ser a safra." Claudinei José Lopes (Nem)

"Você conhece o pé de aroeira, que dá uma baguinha vermelha? Quando dá muita aroeira é bom para a tainha. E quando os espinheiros apontam bem alto, vai ser um ano de bastante tainha. O espinheiro é um tipo de gravatá. A lua boa para pescar depende muito, mas lua cheia é boa à noite pois dá para ver o cardume." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"Pescadores na Praia" Foto: Roberta Braz

UM DIA DO PESCADOR

"Acorda às cinco da manhã, chega no rancho. O cozinheiro tá lá, que já começa a fazer o café para turma. Já baixa as canoas, coloca em posição e dali começa a nossa função. O vigia já passa mais cedo, porque a tainha é um peixe que às vezes amanhece no lugar e ao romper do dia ela já se movimenta, já sai." Eduardo Adilton Medeiros

"Um dia de Pescador" Foto: Arquivo Pedrinho

"Trinta dias aqui é como hoje: vem cedo, toma um cafezinho, seis horas da manhã eles tão aqui na pesca". Fabio Euzebio

"Oito da manhã é a hora que um remeiro vem - porque uns trabalham de vigilante, não conseguem chegar tão cedo. Eu chego cedo, que se precisar entrar na canoa e remar, eu tô ali. E todo sábado ou domingo, feriado, o dia inteiro, de cedo até tarde, ali envolvido." Eduardo Adilton Medeiros

"Antes, a rede já tem que embarcar na canoa, estar preparada. Tem que ir bem cedinho pra ver se a tainha tá lá bem quietinha, senão quando apareceu o sol ela já começa a viajar. Localizou o cardume, já parte para cima pra cerca, se tiver em um ponto bom. Cerca e aí puxa para a praia. Depois, dependendo do horário, segue de novo, a função igual. A gente vai embora no final da tarde, umas 18hs, que é inverno e já tá escuro. Dia seguinte de novo é isso durante os 3 meses." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

SE VEM PEIXE, É TUDO DIVIDIDO

"Depois que puxou pra praia, tem toda divisão do peixe. Tem os camaradas que ganham uma parte, o remeiro outra, tem o patrão que ganha outra. A gente dá pro pessoal que ajuda, tem os vizinhos, as mulheres, crianças, idosos chegam lá e a gente dá." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"Contanto que os cardumes consigam chegar na praia, divide. ***Quando acontece um lance bom, toda a comunidade é agraciada com peixe.*** Pra aqueles que tão na praia e, quando os pescadores chegam nas suas casas, dividem com os camaradas, ajudantes, remeiros, que também distribuem para sua família, amigos." Junior Silvino Daniel (Coelho)

"Meu avô era vigia informal, um dos melhores que tinha, mas não pescava na rede, ele avistava e ia pra casa. Aí depois, em casa, chegava o peixe pra ele, sempre mandavam e ele nunca pedia." Alencar Valmor Vigano (Deck)

“O Seu Chico Doca, que é um querido, que tinha rede de pesca, falava pra mim: ´Neném, às vezes eu saio com 100 tainhas e chego em casa com duas!` No caminho ele vai dando pra todo mundo. Então, ***mais que uma pesca comercial, ela é cultural, faz parte da cultura da Ilha. É base alimentar nossa, tá entranhado na gente.”*** Ademir Damasco

“Divisão do Quinhão” Foto: Amilton Andrade

“E aí... é comer né? O pirãozinho se come no prato de colher e o peixe é com a mão.” José Volnei Lourenço Heerdt

“Peixe eu gosto de todos os tipos - ensopado, frito, caldo, assado, peixe no feijão. Arraia ensopada, desfiada, ou estopa, o caldo de peixe é muito bom. E a tainha pra mim é frita ou assada na brasa, escalada. Escalada dá pra fazer frita, dá pra fazer assada. No feijão, cozinha o feijão separa um pouco e bota ela dentro - peixe no feijão.” Ciro Miguel Braz

“Muitas vezes vem acompanhada de um belo par de ovas. A ova que é considerada o caviar dos brasileiros nos faz ter muito prazer quando se come frita, assada ou ainda em uma farofa que pode ser colocada dentro da tainha que depois de fechada é assada no forno ou na brasa.” Gisele Ramos

PESCA COLABORATIVA

“A Força da Comunidade” Foto: Mathias de Barcelos

“A pesca da tainha é uma sociedade, uma cooperativa. Queira ou não queira, não tem como um patrão tocar uma rede sozinho. Tu pesca, 25% fica pro dono da rede - pra manter a rede, que ele é o patrão - 75% vai pros camaradas. É uma sociedade sem registro, mas tá registrada na sua natureza.” Ataíde Silva

“A pesca de arrasto de praia é solidária, é feita de um esforço conjunto. Pra dar certo, trinta, quarenta pessoas têm que trabalhar. Parece que tem um caos ali, mas tem uma organização, e os que trabalham ganham.” Ademir Damasco

“Pra entender o que é a pesca da tainha, tem que ir à praia no período de pesca da tainha. Porque a pesca da tainha não é só o ato da pesca, não é só puxar a rede, não é só colocar a rede, não é só botar a canoa pra dentro da água. ***É a força de um encontro.”*** Alencar Valmor Vigano (Deck)

“Eu faço parte da rede, da amizade, às vezes passa ano sem se ver, e quando chega aqui é esta união. Aqui é uma família. Eu acho que eu teria morrido sem isso.” Fabio Euzebio

“É uma tradição antiga, é esperada todos os anos pela comunidade. Ela exige que as pessoas dividam as tarefas, precisa ter uma organização, uma garra, uma determinação, para que tenha o êxito na pesca - além de um pouco de sorte. ***É uma grande emoção, um grande encontro, uma grande confraternização,*** principalmente quando chega a rede com os peixes, vê a alegria de todos depois da longa espera.” Junior Silvino Daniel (Coelho)

“A gente quer uma união de todas as parelhas? Pescaríamos como uma cooperativa. Você vai ganhar por ser o patrão da canoa, mas o tanto de peixe que foi pescado ele tem que ser repartido entre todas as parelhas que pescam. Queremos organizar isso melhor. O que acontece é assim: sai a canoa que tiver melhor colocada mais perto do cardume. Pode ser a canoa do Chico, mas se o cardume tiver mais perto da canoa do Nem, sai a canoa do Nem, se tá mais perto do Pedrinho sai a canoa do Pedrinho. Aí sim tu terias um socialismo, mas vamos devagar, vamos com calma. Eu não vou pra defender ser comercial não, nem eu nem ninguém que é pescador de fato!” Alencar Valmor Vigano (Deck)

“Eu ainda acho que o nativo devia tá mais junto.” Lúcia Chagas

NOSSA PESCA É MUITO MAIS QUE COMERCIAL, ELA NÃO TEM PREÇO

“O significado da pesca da tainha pra mim é, além de cultural, é uma história muito grande familiar. Meu avô sempre participou, a família inteira. Ele começou na pesca aqui, sobrevivia da pesca em si, bem artesanal. Hoje em dia, da nossa pesca se tira muito pouco, na verdade. Mas é cultural e isso significa muito pra mim.” Eduardo Adilton Medeiros

“Pescadores do Campeche” Foto: Ronaldo Andrade

“A pesca da tainha é só em dois meses e meio. Anchova, hoje é pouca na nossa costa, porque os barcos industriais capturam muito. Então, o arrasto de praia é manter a cultura, a tradição dos nossos antepassados. E de quem gosta, tem que gostar.” Claudinei José Lopes (Nem)

“A pesca da tainha aqui do Campeche, ou da Ilha em geral, que é de cerco, não é comercial. Ninguém vive de vender tainha, a não ser barco maior. Porque ela é familiar, o cara ganha e o cara dá.

Estamos falando da tainha, mas não só, porque se pesca outras coisas na Ilha. Se tiver sempre tainha, peixe, e mesmo que não vender, teu vizinho vai comer mais, tu vai comer mais, não ia precisar comprar. E se tu preservar a pesca da tainha, que ela venha sempre!

Então deixa esse lado comercial, que ela não é! Coloca a pesca nesse lado cultural. Ela é mais que comercial, ela não tem preço." Ademir Damasco

MAS VENDE TAMBÉM

"Podemos vender, sim, mas é pouco, a gente acaba dando o peixe. Porque a família é grande e tem muitos amigos. É vendido na praia, é sempre vendido na praia. Tu pode vender para peixaria, que emite uma nota que você vendeu. A Colônia exige que tu tenha um bloco de notas para prestar contas na Colônia de Pescadores. O que sobra pode vender, tem uma balança ali: é pra comprar um nylon pra uma rede, um café pra eles fazerem…

Mas no geral, dependendo da quantidade de tainha, tu não consegue tirar um valor comercial nunca, porque a nossa pesca artesanal tem uma divisão muito grande, não tendo uma rentabilidade. Dá pra tu remendar a rede, mas não fazer uma nova." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"A pesca ajuda muito, pra quem ganha um salário mínimo a pesca ajuda e muito!" Lucia Chagas

O HOMEM E A MÁQUINA - PESCA ARTESANAL

"Vamos falar em coisas artesanais e coisas industriais pra entender a pesca. O homem e a pesca são artesanais quando nós não estamos usando demais a máquina. A briga que está acontecendo na pesca é que o artesanal se equipou com o sonar, se equipou com o guincho, se equipou com uma porção de coisa. Aí já não é artesanal. O pescador artesanal usa a rede de malha, trabalhada pela força do homem. E não usa a máquina, porque se ele usar a máquina, ele passa a ser industrial, certo? Industrial trabalha em águas mais profundas, e o artesanal trabalha em águas mais rasas. Nós temos a pesca artesanal individual, o espinhel, a tarrafa, o caniço. E nós temos a pesca no coletivo, a pesca de cerco. Temos as embarcações a remo, classificadas como miúdas e de pesca coletiva, porque são as comunidades que estão nelas. Temos a pesca de curral, já ouviu falar? Nós temos a nossa beleza que nos faz chegar até a tainha. Que belezas são essas? Nossas canoas!, que hoje em dia não estão sendo mais feitas porque o corte das árvores está proibido. ***Nosso umbigo está dentro da canoa a remo,*** é por isso que eu defendo, procuro a lei,procuro me informar, pra na hora do aperto eu saber sair." Getúlio Manoel Inácio in memoriam

"A tainha é um peixe que tem que passar livre, a gente não pode capturar todas, se não vai acabar. A pesca artesanal é sustentável.
A pescaria também é resistência. Queremos permanecer artesanal na pesca da tainha, porque ela permite uma continuidade - dos cardumes e da nossa vida." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"Trabalho Artesanal" Foto: Mathias de Barcelos

RANCHOS DE PESCA

"Rancho do Seu Aparício" Foto: Gisele Ramos

"O rancho serve para guardar nosso equipamento, não dá pra deixar uma embarcação fora do rancho se não ela detona, não leva um mês e ela apodrece. Também serve para nos proteger da chuva, do vento e guardar a nossa alimentação que a gente passa o dia lá. ***É um local de encontro dos pescadores."*** Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"Esse rancho bonito aqui, Rancho do Getúlio, é tradicional, foi importante para as antigas, é importante hoje e será muito importante para as próximas gerações." Ivan Tito Inácio

"Aqui é o paiol das redes, nós damos uma secada nas redes, para cuidar, porque tem o rato. Quando chega lá pro mês de abril, nos reunimos para dar uma remendada nas redes e se preparar pra pescar novamente." Fabio Euzebio

"Eu vejo o Engenho e o Rancho de Pesca como dois lugares de assembleia da comunidade e isso a gente precisa resgatar. Esses lugares como lugares de assembleia, como lugares de decisões, lugares de reconexão onde os mais velhos passam ensinamentos pros mais novos, é um lugar sagrado." Alencar Valmor Vigano (Deck)

INCÊNDIO NO RANCHO

"A safra da tainha deste ano iniciou com muita tristeza, no dia 30 abril, véspera da safra tivemos a triste notícia do segundo incêndio no rancho do Seu Aparício."

"No dia 29 teve a cerimônia da entrega da licença de pesca ali pro Rancho, pela Secretaria de Agricultura e Pesca de Santa Catarina. E durante a madrugada pegou fogo."

"Graças a deus ninguém foi ferido. Mas, acabou toda a estrutura do rancho, duas embarcações e 50 redes de pesca. Se suspeita de que esse incêndio foi criminoso, porque no rancho não tinha coisa errada, é novo, as partes elétricas certinhas. Foi a mesma coisa que aconteceu da última vez, em 2016. Reconstruímos tudo!"

"Eu acho que as autoridades têm que tomar uma atitude, porque isso está acontecendo muito Quem tá ganhando com isso? É alguém com rincha deles, é briga de família ou é o poder aquisitivo?"

"Não é nenhum nativo, não é ninguém daqui, acho que são os que querem passagem, condomínio direto pra praia. Eles já brigavam, já teve uma briga ali feia."

“Intrigas em rancho de pesca, na comunidade, acontecem sim. Envolve não só a pesca, tem uma disputa comercial, tem interesse em prejudicar a pesca artesanal.”

“Incêndio no rancho do Pedrinho”
Foto: Arquivo Pedrinho

“Quando queima um rancho, quando queima uma canoa é muito forte. A canoa não é empurrada com a tua mão, ela é empurrada com a mão da história. Quantas mãos já empurraram aquela canoa, quanto suor já pingou ali. Ali tem muita força, tem muita história com aquele garapuvu. Tu imagina esses garapuvu crescendo há 100 atrás, como foi colhido, de onde ele veio e como é que foi? Quem talhou aquela canoa?”

“Se for preciso reerguer cem vezes esse rancho, nós reerguemos! Ele faz parte da nossa história, e não vamos deixar isso morrer tão fácil.”

- Falas de autoria de moradores da comunidade

A comunidade fez uma campanha para reconstrução do rancho chamada TAINHA SOLIDÁRIA.

O COMEÇO DA VIDA NO MAR

“Crianças participam da Pesca” Foto: Arquivo Pedrinho

“O conhecimento vem dos antigos. Eu devia ter uns 10 anos e toda semana saía com meu pai. Eu fazia aqueles samburazinhos de peixe e ele com a tarrafa, caminhando no escuro até o Costão da Joaquina. Tinha muito medo quando ele ia lá embaixo e eu ficava sozinho no escuro. Chegávamos em casa com o galo cantando. A mãe limpava os peixes, fazia caldo de madrugada. Se tinha farinha, nós comia com pirão.” Eva Inácio (Dona Leonir)

“Eu sempre fui muito envolvido com o mar, desde pequeno eu tenho contato com água, pego onda desde 10 anos. Colocava redinha feiticeira, dentro da boia e estica em direção ao oceano com um peso, deixa uma hora, hora e meia, puxa e pega as tainhas também.” Junior Silvino Daniel (Coelho)

“Meu pai e meu avô me ensinaram. A gente vem na caminhada deles, que sempre lidaram com a pesca. Eu levava um balaio, um saco, qualquer coisa para ajudar. Meu pai pescava de rede, de tarrafa, de espinhel.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“O pessoal naquele tempo trabalhava na roça e vinha aqui pra matar um peixinho pra comer, eu já ajudava. Hoje, quando mais adulto comecei a remar.” Fabio Euzebio

“Eu aprendi a pescar com a comunidade, porque meu pai foi um pescador mais de baía, da Costeira, com tarrafa, ele não era um pescador de mar aberto.” Ataide Silva

AH... HISTÓRIA DE PESCADOR É BOM!

“Diz que o pescador falou pro outro: - Ó, fui pescar, peguei um baita de um bagre que dentro tinha uma toiça de bananeira e 5 dúzias de castela! Aí o outro falou assim: - Ah, também fui pescar, peguei um burriquete e dentro tinham 4 dúzias de castela e um lampião aceso! Aí o outro falou: - Vai te embora seu mentiroso! E o outro respondeu: - Ah, então tira a tua bananeira do bagre que eu apago o meu Lampião! (risos)” Bernardino Rosalino Teixeira

“Pescador tirando isca para pescar de espinhel”
Foto: Arquivo Hugo Daniel

“Tinha um problema na Ilha do Campeche, o povo tinha medo lá, tinha visage quando ia pra Ilha. Uma vez veio um homem de fora, dizendo que tinha ouro na Ilha. Levaram ele pra Ilha de canoa, e deixaram ele lá. Com 3, 2 dias, ele fez fumaça para o pessoal ir buscar, apavorado. Disse que, de noite, ele dormindo, alguém ia tirar e derrubar a água doce dele. Disse que não dormia apavorado, tendo visage.” Aparício Manuel Inácio

“Um homem tava pescando na Ilha do Campeche e a embarcação virou, ele morreu. Um dia estavam todos os pescadores sentados no rancho, e de repente sentiram um cheiro forte. E então eles viram este homem correndo - meu pai tinha certeza que viu o homem que morreu correndo.” Eva Inácio (Dona Leonir)

“Tem 60 anos que o padre morreu na Cruz do Padre. Era época de Natal. Fomos nós que achamos ele boiando lá fora no mar, trouxemos ele amarrado na canoa. Ele não afundou porque não tinha fel. O padre é homem santo.” Aparício Manuel Inácio

OUTROS TEMPOS DA PESCA...

“Naquele tempo, tinha a tainha e tinha a anchova. Mês de maio e junho era a tainha. Setembro, outubro até novembro era a anchova, acabava uma e começava a outra. Nesse intermédio tinha o arrasto. O pessoal começava a abanar - não era buzina, abanava com a mão, com o casaco nos combros, pra dar o arrasto.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“O arrastão era de tardinha, mais no Rancho do Seu Chico. Vinha era palombeta, era cocoroca, gordinho, espada, olho de boi, manjuva, galinho. Esses peixes nem tem mais. Vinha tanto que o pessoal deixava lá, a maré enchia e levava tudo pro mar.” Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

“Pegava pescadinha, também. Arrastava de manhã cedo, às vezes até a boca da noite.” Ciro Miguel Braz

“Pesca de espinhel, pandorga, tarrafa. Pegava tudo o quanto é peixe, bagre, arraia, cação, anchova.” Aparício Manuel Inácio

“Meu vô pescava de tarrafa, nunca de rede, era um dos exímios tiradores de marisco na Joaquina, voltava com um saco de marisco.” Alencar Valmor Vigano (Deck)

“Pesca de Espinhel” Foto: Ronaldo Andrade

“Também tinha varejo de espada, tinha o jereré pra pegar siri, tinha o sapicuá, tu pegava um saco e amarrava, virava ao contrário.” Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

“A pesca era de arrasto, puxado, e não era feiticeira - era barbante. A gente é que fazia as redes, igual lá na Barra da Lagoa. Antigamente as mulheres da Barra, elas faziam muita rede, muita rede. Depois da rede pronta, a gente tingia. Esse pau que tá aí, a capororóca, dá uma tinta que é um color! Tem uma vermelha e tem uma branca, mas a branca não presta. A gente soca bem, mói e ferve num latão grande, botava a rede ali de molho, descascava o pau e tingia. E endurecia o barbante, pra conservar mais um pouco.

As bóias? Ali tem um pé de corticeira. Eu tirava a raiz da corticeira embaixo é mole, é leve e bóia bem, cortava tudo em pedaços arredondava na faca. Também fazíamos dessa Imbaúba aqui, ó, mas era só pra rede de anchova, que era mais leve. Areia se fazia o chumbo, mas não o chumbo mineral, fazia chumbo de pano.” Miguel Quirino Braz in memoriam

“Meu pai criou onze filhos tudo no espinhel da praia. Era peixe, peixe, peixe! Era linha de tirar 12 pampos numa puxada só. Não tinha emprego, era na roça e no peixe.” Bernardino Rosalino Teixeira

“A gente secava o peixe no varal, secava um monte de ova de tainha. Agora não dá mais porque enche de mosca. Eu tava escalando tainha quando senti as dores do parto.” Eva Inácio (Dona Leonir)

“Outros tempos da Pesca” Foto: Milton Ostetto

“Era balaio, não tinha nem freezer, nem geladeira naquela época, as irmãs do avô vinham pra cá pra ajudar a escalar, e salgava e botava tudo em balaio. Quando dava sol, ficava dois, três, quatro, cinco dias no sol. Aí a tainha era a mesma.” Irenilda Faustino Braz

“Era comum no meu tempo de guri, pegar 100 mil tainha, 150 mil tainha. Não tinha boca pra comer tudo isso, o que se fazia? Se enterrava tainha e ficava com a ova.

Fazia varal de peixe escalado de 200 metros, metia sal por causa das moscas. Porque o sal é o maior conservante desde a idade média.” Ataide Silva

“Era uma alegria tão grande, na volta da pesca, vinham tudo embarcado em cima da carroça e eu lá em cima dos peixes!” Miguel Quirino Braz Filho

“Era comum ali no Porto do Rio Tavares passar o caminhão cheio de peixe e caía peixe pela estrada, e nós atrás pegando o peixe.” Ataíde Silva

A PESCA ARTESANAL DA TAINHA É NOSSO PATRIMÔNIO

“Ela move os corações dos nativos da ilha. Em 2019 em conjunto com a Associação dos Pescadores Artesanais do Campeche, o Projeto Tekoá Pirá e IFSC, registramos a pesca artesanal da tainha como patrimônio cultural imaterial de Santa Catarina. ***Uma grande conquista para comunidade!”*** Roberta de Paula Braz

“A Pesca Artesanal é Patrimônio Cultural”
Foto: Projeto Tekoá Pirá

“A Associação dos Pescadores Artesanais do Campeche, tem uma ação muito importante de salvaguarda que precisa ser mantida todos os anos. As aulas de remo para nova geração manter a tradição da pesca artesanal da tainha.” Gisele Ramos

“O projeto Tekoá Pirá nasceu para salvaguardar o nosso Patrimônio Cultural, como a Pesca Artesanal da Tainha. Através dos roteiros de turismo de base comunitária passamos para os visitantes, alunos, crianças e novos moradores a importância do patrimônio ambiental, histórico e cultural. ***Precisamos conhecer para preservar.”*** Roberta de Paula Braz

NOSSO LUGAR TEM MEMÓRIA

AS ÁGUAS DOCES - RIOS E LAGOAS

“A Vala, o Rio do Noca e o Rio do Rafael, foram os três rios mais importantes que tinha. Eu pescava neles. Quando dava vento sul, dá parati no Rio do Noca. Quando o rio enchia, mas não passava pra praia, aquilo formava uma piscina grandona e brincava ali. Depois poluíram tudo, assoreou.” Bernardino Rosalino Teixeira

“O Rio do Noca nasce no morro e desemboca no mar. A Vala nasce no morro e vai pro centro e também vai encontrar o Rio Tavares. O Rio Tavares nasce lá nos fundos da Pedrita, que é a pedreira do Rio Tavares, nas caneiras. Ali vai pra Lagoa da Conceição.” Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

“O Riozinho, como chamam hoje, é o Rio do Noca. Tinha a Lagoa da Chica, e também a Lagoa do Cará. Minha mulher lavou muita roupa nas lagoas.” Aparício Manuel Inácio

“O Rio do Noca antigamente era tudo aberto, tinha mais ou menos um metrinho de água, enchia com a maré grande e vazava.” Ciro Miguel Braz.

“A gente fazia concurso pra atravessar o rio no mergulho, tinha uns 30 metros. Ali gente lavava os tipiti, na época de fazer farinha, botava tudo de molho. O pessoal todo da Campina vinha. Aproveitava pra tomar banho pra ir pra casa. E quando chegava lá, o camarão, o pitu, dentro dos tipiti. Mas tinha, mas tinha!” Miguel Quirino Braz Filho

“Minha avó era a Chica, lavava muita roupa lá. A gente passava o dia mergulhando nu, e se secando no sol. Jogava tarrafinha e tirava o cará e traíra. Pescava de linha.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“Ali tinha a planta ‘lava olho’, que dava dentro do poço que a gente pegava água, a gente espremia no olho, ela é maravilhosíssima, é um colírio lavava o olho com ela, é por isso que enxergo bem e agradeço àquela planta.” Miguel Quirino Braz Filho

“Meu tio pegava jacaré na Lagoa Pequena pra comer, através de anzol, igual um peixe mesmo. Era tanto jacaré na Lagoa Pequena! Porque as pessoas não sabem que a Lagoa Pequena se interligava com a Lagoa da Chica, através de toda essa restinga, que mais tarde foi assoreada.” Ataíde Silva

“Na frente do engenho, todo mundo lavava roupa. As mulheres quaravam roupa, os pastos cheios de roupa quarando.” Miguel Quirino Braz Filho

“Usávamos o sabão de anoga, feito em casa. Lá pra cima tem anoga - é uma árvore que tem uma amêndoa que meu pai deixava curtindo no álcool e era bom para reumatismo, passava nas pernas, onde tinha dor.” Eva Inácio (Dona Leonir)

“Hoje a Lagoa da Chica está seca - tentaram revitalizar, ela voltou a encher, mas não tem como usar, está muito imprópria.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“Lagoa Pequena” Foto: Ronaldo Andrade

O Rio da Jacinta morreu; Mataram! O Rio da Jacinta e o Rio do Noca eram a coisa mais linda. Hoje no Campeche não existe mais rio nenhum, tem lá é uma vala que a prefeitura abriu. Entendesse?” Ciro Miguel Braz

“O Rio do Noca foi arrasado por quem comprou o terreno.” Aparício Manuel Inácio

“Gostaria que fosse registrado, o Rio do Nóca! Meu Deus! Quem pudesse limpar aquilo ali, né? Ali era um parque que meu Deus! Uma piscina! E dali veio a infância do Campeche.” Miguel Quirino Braz Filho

ILHA DO CAMPECHE

"A Ilha do Campeche é uma PAIXÃO, é a nossa PAIXÃO! Eu saía de casa 4h, 4h30 da manhã para pegar o pai lá na Armação, e via os rapazes vindos da Ilha, eles chegavam e já encostavam a carroça pra embarcar aquelas arraias. Só vinha arraia!" Miguel Quirino Braz Filho

"Ofinas Liticas, Ilha do Campeche" Foto: Ronaldo Andrade

"A Ilha do Campeche é a segunda casa da maioria dos pescadores nossos. Eles pescavam tainha lá de rede fundiada, rede de linguado, rede de curvina, de anchova. Ficavam dois, três dias, uma semana. A lancha ficava na Armação, a gente ia de carreta, charrete, a pé, era uma lancha baleeira." Ciro Miguel Braz

"A Ilha do Campeche a gente só chamava de Campeche, não era ilha. Agora que é Ilha. Aqui (o distrito do Campeche) a gente chamava de Campina, Mato Dentro e Pontal. A Fazenda era como a gente chamava o Rio Tavares. O que a gente chamava de Campeche era a ilha." Eva Inácio (Dona Leonir)

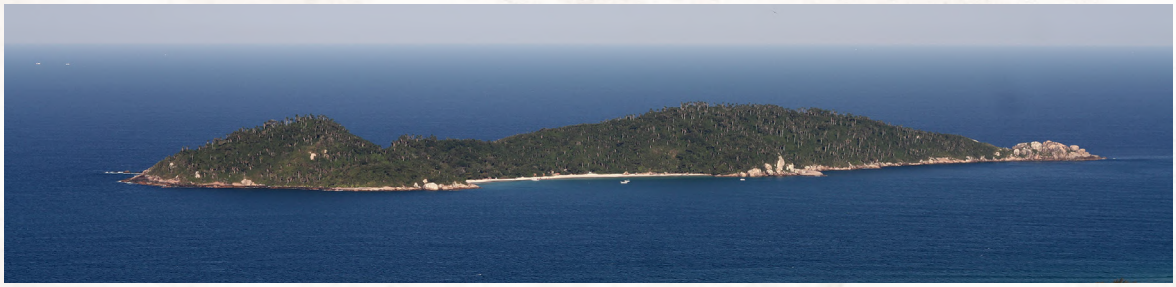
"Lá tinha o rancho do João do Jorge, ficávamos acampado. Pescava lá tudo quanto é peixe com a canoa do meu pai, tinha gente que plantava mandioca." Aparício Manuel Inácio

"Meu tio ele ficava lá os 3 meses pescando, pegaram muita tainha lá." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"A Ilha! O pessoal saía do Campeche de canoa e arrastava o peixe lá a noite toda e enchia a canoa de peixe e vinha de volta pro Campeche. Eu já tirei muito marisco lá, ia de canoa, chegava do lado de cá do Degolado. Tem a pedra do Saltador, saltava por ali e atravessava o Degolado pra tirar marisco. Ali é perigoso, pra descer, o cara sentava e ia de bunda, se não o cara revirava (risos). Um dia, me desequilibrei e enchi o pé de ouriço. E aquilo pra tirar tem que ser com a maré cheia, se não ele não sai.

Antigamente tinha gente que ia, faziam fogo, matavam quati, faziam picada, roubavam tudo, era um saragaço. Se eles não tomassem conta da ilha, tava virando uma bagunça." Bernardino Rosalino Teixeira

"Ilha do Campeche" Foto: Mathias de Barcelos



DUNAS DE VIGIA E SEUS VIGIAS – OS COMBROS

"Dunas do Campeche" Foto: Hermes Daniel

"As dunas eram lugar de subir alto para ver o peixe, para vigiar os cardumes. O vigia é a pessoa que fica vigiando o peixe lá na duna. Uma das mais importantes, um combro alto é a que hoje chamam de Lomba do Sabão." Aparício Manuel Inácio

"As dunas, toda vida foram do vigia. Tanto na parte de baixo como na parte de cima da duna, tinha sempre dois, três vigias. Eles viam o cardume e mandavam cercar. A gente tinha de estar atento perto da canoa, com remeiro escolhido, não pode botar a rede devagar." Ciro Miguel Braz

"Tinha um monte alto, altão, ficava todo mundo lá na tainha, esperando a tainha." Bernardino Rosalino Teixeira

"Duna é um lugar de memória por causa dos vigias, mas também tem importância ambiental. Essa visão ambiental veio depois da Eco 92 no RJ. O ambiental veio, é muito importante estar aliado à questão cultural. Cultural era ver o peixe, servir, pegar cipó nas dunas pra botar na guelrra do peixe, porque o quinhão era levado na mão. Quando não tinha saco, a gente enfiava o cipó, que é da mata nativa da restinga." Ataide Silva

"Nós tínhamos duna chamada de Combro Alto. Hoje a gente já não tem tanta duna. Com o passar do tempo, foram fazendo construções, o mar foi também avançando." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"Arrasaram as dunas para fazer casas. Não pode, mas pode!" Aparício Manuel Inácio

"Tinha a duna mais linda, onde tem essa casa aqui. O cara comprou o terreno do seu Aparício, onde tinha o riozinho da Dona Jacinta, tinha a Aviação e a Estação do Cabo Submarino. Fechou. Ele encanou tudo e acabou com tudo." Amilton Andrade

"Hoje em dia o vigia fica acanhado ali, porque tem gente nova que não sabe isso do vigia, não sabem que o vigia passa o dia inteiro na praia. Ele é fundamental pra ver o peixe, mas elas não sabem. Na época era feito isso ó (tira a camiseta e começa a girar acima da cabeça): capote, entendeu? Não existia celular, que hoje o pescador usa pra avisar. Ele fica ali muitas vezes oito horas vigiando, vendo a quantidade de peixe, se vale ou não vale a pena cercar. Olha se o peixe vai juntar, se o peixe vai espalhar. Ele recebe a marmita

"Vigias da Tainha" Foto: Ronaldo Andrade

dele, o café dele ali, ele tem a garrafinha dele. Quando a esposa dele não vem, vem o filho.

Não me chame de olheiro, pelo amor de Deus! Olheiro é outra coisa, é pro tráfico. Aqui, com nós, é vigia que vigia o peixe." Ataíde Silva

PICADAS

"Picadas são os caminhos históricos que levava ao lugar de sustento - o mar. Tirar o siri, tirar castela, tatuíra, minhoca da areia pra isca do espinhel, espinhel de pandorga,com linha, de tarrafa. Tem picada fora do, que ligava famílias a outras famílias. As picadas são fundamentais, caminhos familiares." Ataíde Silva

"Picadas do Campeche" Foto: Mathias de Barcelos

"Para o pescador ir à praia era pela picada. Tinha a picada do Noca, do Tibúrcio, do Marco, do Juca. Onde tinha o morador, ele passava por ali, então o caminho levava o nome do morador. Hoje existe muito pouco, acabaram com as picadas, fecharam." Aparício Manuel Inácio

"Quando eles falam: fecharam o caminho pra praia! Como é que fecham um caminho pra praia? Como é que você fecha uma trilha que onde toda uma história já passou por ali? Tu estás trilhando os passos dos antigos, o pé deles pisou em todos os cantos possíveis. Ir à praia todos os dias, em dia de pesca ou não, era atividade comum. Meu vô ia todo dia olhar o mar, só pra ver o mar! Meu pai pisou naquele caminho, eu pisei todas aquelas pegadas." Alencar Valmor Vigano (Deck)

"Do Morro das Pedras até o Campeche, a cada 100 metros tinha uma picada.
Hoje, tu anda um ou dois quilômetros, tu não tem mais condições de entrar pra praia.
Não tem mais acesso! É tudo de particular, turista." Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

"Ali, a picada do avô, não tem mais nada, fecharam tudo." Irenilda Faustino Braz

"Meu pai caminhava da Pedrita até o engenho do meu avô, e falava com todo mundo. Essas placas diferentes na entrada das picadas, é uma das coisas que incomoda muito os nativos." Roberta Braz

"Quando você fecha esse lugar, esse caminho, além de fechar um direito seu, fecha essa conexão com o passado, com essa história." Alencar Valmor Vigano (Deck)

"Conseguimos uma ou duas aberturas, mas o resto tá aí pra ser aberto!" Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

PEIXE, FARINHA E ROÇA

"Farinha de Mandioca Artesanal" Foto: Gisele Ramos

"Era uma comunidade que vivia da pesca e da agricultura." Getúlio Manoel Inácio in memoriam

"O carro chefe da dieta antigamente aqui era o peixe e a farinha, farinha e peixe era o que tinha, era o que saia do mar e o que tirava da mandioca. Se tivesse esses dois elementos, o pirão e o peixe, tava bem." Ivan Tito Inácio

ROÇA

"Nós plantamos mandioca, melancia e feijão, aqui mesmo nesse terreno. Já pequeno, eu apanhava o feijão, deixava secar, botava um pano grande, depois batia, pegava em uma peneirinha e jogava ele. Tinha uma batata doce, e o milho é só na época dele." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"Tinha toda aquela plantação de melancia, abóbora, batata, aipim. Então tinha todas aquelas frutas, laranja, que o pessoal fazia o que desse pra sobreviver nesse lugar." Getúlio Manoel Inácio in memoriam

"Tinha uma época que o pai plantava amendoim." Miguel Quirino Braz Filho

"O café também, os cafezais." Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

"Meu pai plantava feijão, banana, mandioca, batata doce, aipim. Tinha mamão em casa, tinha laranja, maracujá, tudo no quintal. As roças sumiram porque venderam tudo." Eva Inácio (Dona Leonir)

"Uma francesa ensinou o pessoal do Campeche a plantar horta de fundo de quintal. Cheirinho verde. Eles foram fazendo essa interação, essa troca de conhecimento." Getúlio Manoel Inácio in memoriam

"A melancia é uma coisa típica de se refrescar no verão, brincava, jogava no outro, fazia boneco com a casca, enchia a boca de melancia e cuspia a baga no outro. Pegava bergamota pra caramba atrás do Asilo da Seove, adorava apanhar era jabuticaba." Ataíde Silva

"Comia caramona, que é uma plantinha que dá muito na duna, também araçá, tinha um um monte de araçá e gabiroba." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"Roça no Campeche" Foto: Arquivo Roberta Braz

“Lá no quintal também tinha uma vaquinha dando leite, pra um café, com leite com farinha, porque não existia pão, e tinha galinha também.” Getúlio Manoel Inácio in memoriam

“E também iam caçar; tatu - e nós quando criança pegava passarinho, principalmente aracuã. Sempre quando eu falo de caça: era pra pegar o suficiente pra comer.” Ataíde Silva

“Carne era uma vez no ano, tinha um senhor aqui que matava e passava oferecendo pra comprar.” Bernardino Rosalino Teixeira

“Com o crescimento do bairro, a chegada do turismo, começou a movimentar mais dinheiro e o pessoal foi deixando isso. No espaço que ele plantava uma roça de mandioca, já tinha 2 ou 3 casas pra alugar.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

ENGENHOS DE FARINHA

“Tinha engenho de farinha movido a boi e outro de cana de açúcar.” Irenilda Faustino Braz

“No engenho de farinha tudo é importante. Começa raspando, depois vai ralar, depois prensar. Seca num dia, vai pra peneira e pro forno no dia seguinte. Muito trabalho era pegar a mandioca na roça, ralar, cevar, prensar, peneirar a massa e assim vai. E pega boi e larga boi, tira boi, tudo. Tudo isso era serviço nosso.” Ciro Miguel Braz

“Engenho Movido a Boi” Foto: Gisele Ramos

“Nós chegamos a ter 46 engenhos na Planície no Campeche em 1960.” Ataide Silva

“O engenho mais famoso da Campina era o engenho do Léo, na rua do Pau da Canela, minha mãe raspava lá. A farinha ficava bem amarelinha e a gente comia o ano todo, sempre torradinha, como se tivesse feito na hora.” Eva inácio (Dona Leonir)

“Já raspei mandioca no engenho do seu Valerio, do seu Miguel. Tinha um monte de engenho. Tinha muita roça de mandioca. Às vezes plantava em terras de outras pessoas, na hora de fazer a farinha, dividia.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“Na época de tirar lenha pra fazer a farinha, no mês de janeiro, chegamos lá no mato, lá pra tirar, batemos com machado cortando aquilo tudo.” Miguel Quirino Braz Filho

“Na época dava muito namoro, o pessoal vinha raspar mandioca com segundas intenções, cantava ratoeira. Eles sentavam em volta da mandioca do monte, aí fazia capote, tu raspava um pedaço aqui, e jogava lá para ver quem era o mais rápido. Era uma competição de quem raspava mais rápido. Isso era uma malandragem para raspar mais rápido para acelerar.” Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

“A gente fazia o monte de mandioca domingo de noitinha, e tinha que cevar segunda-feira. Ia todo mundo raspar mandioca, homem, mulher. O cara sentava numa roda com um monte de mandioca e ficava jogando capote. O que é jogar capote? Tu raspa metade da mandioca, corta aquele pezinho ali e passa pro outro pra ele completar. Fazia cantiga de ratoeira, de cafezeiro, cantando sempre.” Bernardino Rosalino Teixeira

“Farinhada” Foto: Gisele Ramos

“A gente ia no ninho pegar o ovo pra por dentro da farinha para cozinhar o ovo. A farinha sai bem quente, colocava o ovo lá do cocho da farinha.” Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

“A gente fazia o lóquinho né, que era o café com açúcar, a farinha de engenho e o amendoim, isso era o lanche da tarde e o beiju na casa da vó.” Alencar Valmor Vigano (Deck)

“A minha avó tinha um engenho de cana de açúcar. Era aqui do lado onde estão fazendo os prédios. Eu não sei se fizeram escavação ali no prédio, mas se cavar tem caco de louça, tem aquela terra preta do carvão do engenho.

Fomos criadas ali onde era o engenho e botaram abaixo sem ninguém saber. Já tava tombado, eles foram sem vergonha, vieram de madrugada com aquela desmancha assim, a gente não sentiu barulho, não viu nada. Quando chegou de manhã, que coisa estranha: desmancharam o engenho! Hoje também é um prédio.” Irenilda Faustino Braz

“Aqui no Campeche tem dois 2 engenhos em funcionamento. Queremos ativar outros engenhos antigos. ***A gente quer mostrar esses engenhos todos pra mostrar nossa resistência de produzir nosso alimento de forma artesanal. Senão é comprar farinha de mandioca com veneno.”*** Ataíde Silva

“Engenho do Noca (Zeferino Bregue)” Foto: Arquivo Roberta Braz

MISSAS E FESTAS

“Quem trouxe a Missa da Tainha foi o meu tio Getúlio. Evento importante, une mais os pescadores. É um dia que a gente pede muito, que venha bastante fartura, pede a Deus que venha bastante peixe. Pede bênção e proteção, porque a gente trabalha também no mar aberto, então pede de tudo um pouco para Deus. O santo que evoca mais a pesca é São Pedro, que era pescador. Os pescadores também são bem crentes em Nossa Senhora Aparecida.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“Missa de Abertura da Temporada de Pesca”
Foto: Gisele Ramos

“Tinha festa de São Sebastião, Santa Catarina. Fazíamos procissão carregando as santas, nas novenas cantadas.” Eva Inácio (Dona Leonir)

“Aqui no Campeche o que a gente mais gostava era a Festa do Divino e o Terno de Reis. Época divertida, se brincava de ganzola, e de ratoeira. Ganzola é tipo um bate e esconde, a ratoeira é uma cantoria de roda entre homem e mulher. Aquele que queria namorar cá outra, botava verso pra ela. Ratoeira bem cantada faz chorar, faz padecer.” Bernardino Rosalino Teixeira

“O Terno de Reis sai com grupo pequeno, pra cantar a visita dos três Reis Magos pro Menino Jesus. Não era só um terno que saía, cada um saía com seu grupo.” Bernardino Rosalino Teixeira

“A Festa do Divino sai depois da Páscoa, celebra o Espírito Santo, é muito emocionante. Até hoje, em qualquer casa que o cara canta é difícil aquele que não chora. Tem hora que tem que aguentar, se não chora junto.” Bernardino Rosalino Teixeira

“A Bandeira era uma tradição” Ciro Miguel Braz

“Festa do divino, a pesca artesanal, a renda... isso aqui é um centro cultural.” Ivan Tito Inácio

“O boi de mamão conta a morte e a volta de um boi. Muitas vezes se fazia o boi com o próprio crânio do gado que eles botavam fora. Revestia com um pano, os galhos, tudo direitinho. Quando não tinha crânio, usavam um mamão para fazer a cabeça do boi.

Tinha diretoria, registro na prefeitura, o nome era GROFOCA – Grupo Folclore do Campeche, porque nós tínhamos a Cantoria do Divino, o Terno de Reis e o Boi-de-Mamão.” Bernardino Rosalino Teixeira

“Boi de Mamão” Foto: Ronaldo Andrade

“O melhor Bailão na década de 70 foi o do Chico Dóca, a gente pulava a janela!” Miguel Quirino Braz Filho

“Duas semanas antes do Carnaval já começava sair o mascarado. Quem será esse? Quem será? Quando não era de carvão na cara, era máscara. Máscara de papelão, enfeitava, pintava o olho de vermelho com a folhinha de onze horas, porque não tinha tinta. No outro dia, pra tirar, era carvão com banha, o pau pegava.” Bernardino Rosalino Teixeira

REZAS E RENDAS

“Procissão de Fé” Foto: Ronaldo Andrade

“Eu saía daqui pra ir no Pântano do Sul pra ser benzido, que é a mãe do Arantinho - antes do Bandeirantes no Ribeirão - e a Dona Lica na Costeira. Quase todo mundo que é mais velho tem um pouco de benzedeira, mas tinha umas que eram tops, eram como médicas, faziam parto, faziam tudo.” Ataíde Silva

“A mãe benzia de destroncado. O seu Lalo benzia de berruga na lua cheia. Tu tinha uma berruga na mão, ou um animal com berruga, era batata, logo caia. Eu digo isso porque eu vi.” Bernardino Rosalino Teixeira

“Todas as mulheres faziam renda. Se ia ter uma festa ou ia passar um santo, eu trabalhava na renda de dia até a noite, na candeia, até meu nariz ficar preto da fumaça da luz. Fazia aquela renda e vendia, com o dinheiro eu comprava o tecido para fazer vestido novo pra festa.” Eva Inácio (Dona Leonir)

“As rendeiras do Campeche vendiam pro Ribeirão da Ilha ou pro Retiro da Lagoa.” Ciro Miguel Braz

“Vendia também Morro das Pedras.” Bernardino Rosalino Teixeira

“Tinha um senhor ali no Campeche, o Zeca, que faz bilro. Ele e o pai, o dia todo ali sentados de joelho. Tinha um pé de gabiroba, dessas grandes, bem ramalhuda, ficavam ali de baixo, com o frio assim ó. Eles iam no mato tirar o marteleiro, aquela madeira dura, pesada. Eles seguravam isso e com um canivete faziam uma dúzia de dúzia de bilro, o dia todo ali. Raspavam tudo, ficava lisinho com um pedaço de vidro. Faziam na frente uma coisinha pra amarrar a linha. Ficava uma beleza.” Bernardino Rosalino Teixeira

“Renda de Bilro” Foto: Mathias de Barcelos

“O Campeche teve muitas rendeiras; hoje nós temos um grupo de mães, a gente arrumou um espaço pra elas aqui no Campo da Aviação. São três grupos de mães que atuam dentro do Casarão, que foi a sede do Conselho Comunitário, dentro da Popote. A Popote dos franceses é chamado de Casarão pelos nativos.” Ataíde Silva

PORTO DO RIO TAVARES

“O Porto do Rio Tavares tem história, é o lugar onde tinha ali um porto de quem vinha por dentro do Rio Tavares. O Porto do Rio Tavares é mais ou menos nessa descida da Pau de Canela, que eles entravam ali atrás do posto Texaco, que era onde o rio dava navegabilidade.” Alencar Valmor Vigano (Deck)

CAMPO DE AVIAÇÃO

“Ninguém tinha visto avião antes, tinham até medo. Dizem que o francês pousa aqui no pastinho do gramal, querendo saber dessa área, para fazer o campo da aviação nessa terra simples, e o governador daqui, que era o Hercílio Luz na época, permite.” Getúlio Manoel Inácio in memoriam

“Esse campo é um acervo que foi enterrado, tinha todos os hangares, as instalações de uma força aérea francesa. Hoje sobrou uma única parte. A gente jogava bolinha de gudes onde ficavam os ancoradouros e os trilhos dos aviões. Hoje é o colégio.” Ivan Tito Inácio

“Campo de Aviação” Foto: Mathias de Barcelos

“A grama do campo de aviação era cortada guiando uma carroça que trazia preso uma hélice puxada por dois cavalos, demarcando desta forma o local exato dos pousos das aeronaves.” Hugo Adriano Daniel

“A Popote é o casarão que eles quase residiam, não moravam, mas se alimentavam, até dormiam. As antenas estão guardadas na base aérea até hoje, o hangar também tá lá, feito de óleo de baleia.” Ataíde Silva

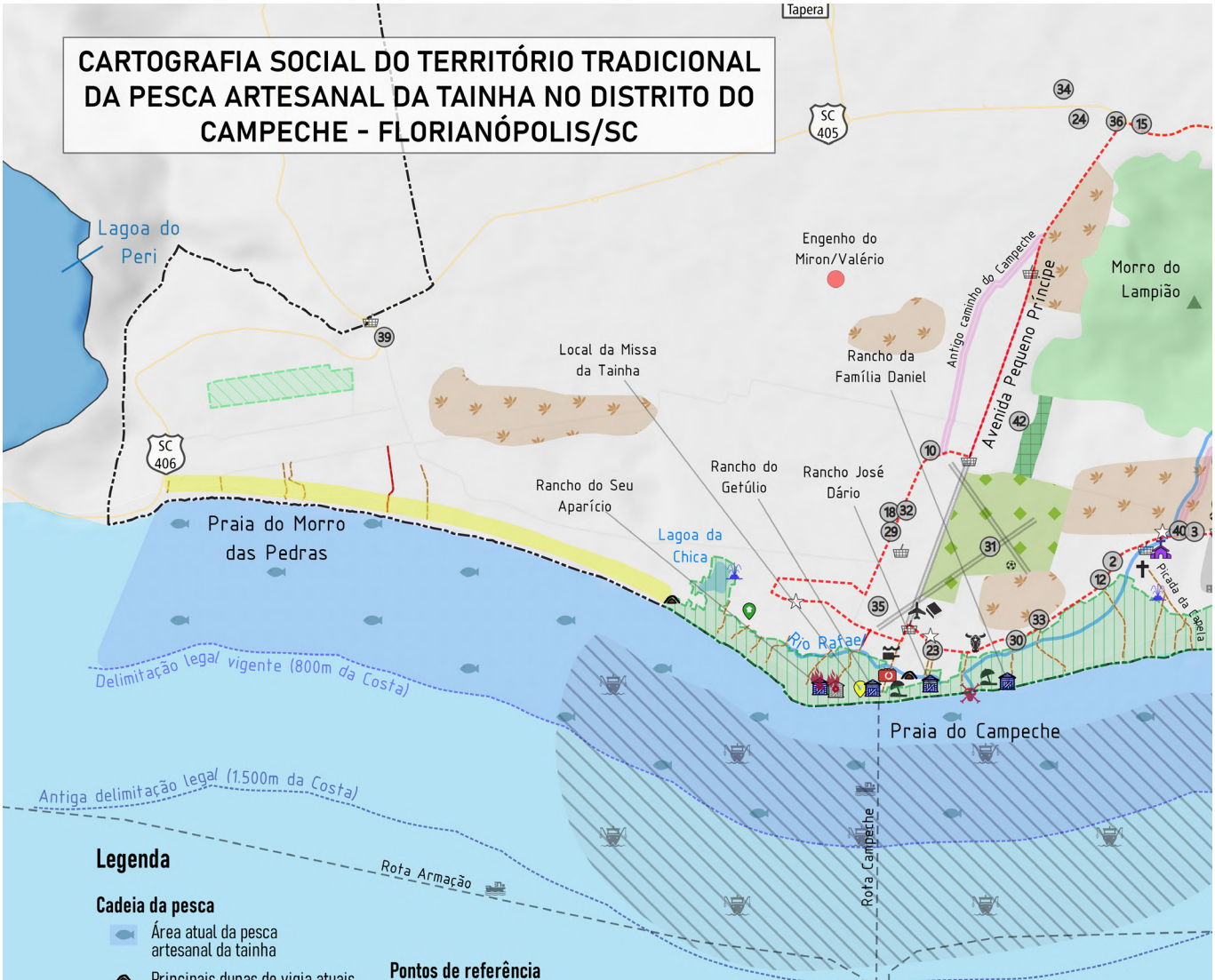
CABO SUBMARINO

“Era uma empresa com esses cabos, pra transmitir mensagens de Florianópolis para o mundo.

Meu bisavô e depois meu avô Noca trabalharam no Cabo Submarino. Eu fui muitas vezes com ele, todo dia tinha que ir lá telefonar pro Cabo Submarino. Ali tinha uma casinha branca com as janelas pintadas de azul, tinha a sede aqui do Campeche. Aí depois acabou. Começaram a tirar os cabos, Começaram a cavar, era como um rolo trancado, dentro tinha o fio pra conexão.

O povo começou a tirar porque ele começou a aparecer no mar, e começou a rasgar as redes.” Irenilda Faustino Braz

CARTOGRAFIA SOCIAL DO TERRITÓRIO TRADICIONAL DA PESCA ARTESANAL DA TAINHA NO DISTRITO DO CAMPECHE - FLORIANÓPOLIS/SC



Legenda

Cadeia da pesca

- Área atual da pesca artesanal da tainha
- Principais dunas de vigia atuais
- Ranchos de pesca atuais
- Ranchos de pesca antigos
- Ranchos de pesca fluvial antigos
- Área de risco durante a ressaca

Formas tradicionais de produção

- Engenhos de farinha de mandioca
- Engenhos de farinha de mandioca antigos
- Engenhos de cana-de-açúcar antigos
- Roças de mandioca antigas

Manifestações culturais/religiosas/artísticas/de lazer

- Local da Missa da Tainha
- Caminho da Bandeira do Divino
- Casa da Chica
- Casa da antiga Benzedeira
- Casas guarda do Boi de Mamão
- Sítio arqueológico
- Salões de dança antigos
- Campos de futebol atuais

Pontos de referência

- Morro do Lampião
- Picadas de acesso à praia
- Capela São Sebastião
- Igreja de Pedra
- Cemitério
- Hangar do Campo de Aviação
- Pistas do Campo de Aviação
- Cabo submarino
- Ponte do Odorico
- Colégio Brigadeiro Eduardo Gomez
- Vendas / mercados mais citados
- Caminhos históricos

Áreas de proteção ambiental e cultural

- Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição
- Parque do Morro das Pedras
- Patrimônio Arqueológico e Paisagístico Nacional - Ilha do Campeche
- Dunas da Joaquina

Desafios e conflitos

- Lançamento de esgoto
- Rancho de pesca incendiado
- Alta concentração turística
- Alta concentração de banhistas
- Delimitação legal vigente da pesca artesanal da tainha (800m da Costa)
- Antiga delimitação legal para pesca artesanal da tainha (1.500m da Costa)
- Projeto do Emissário Submarino para lançamento de esgoto
- Picadas com acesso à praia restringido ou proibido
- Rota de embarcações de turismo legalizadas para a Ilha do Campeche

Desafios e conflitos (continuação)

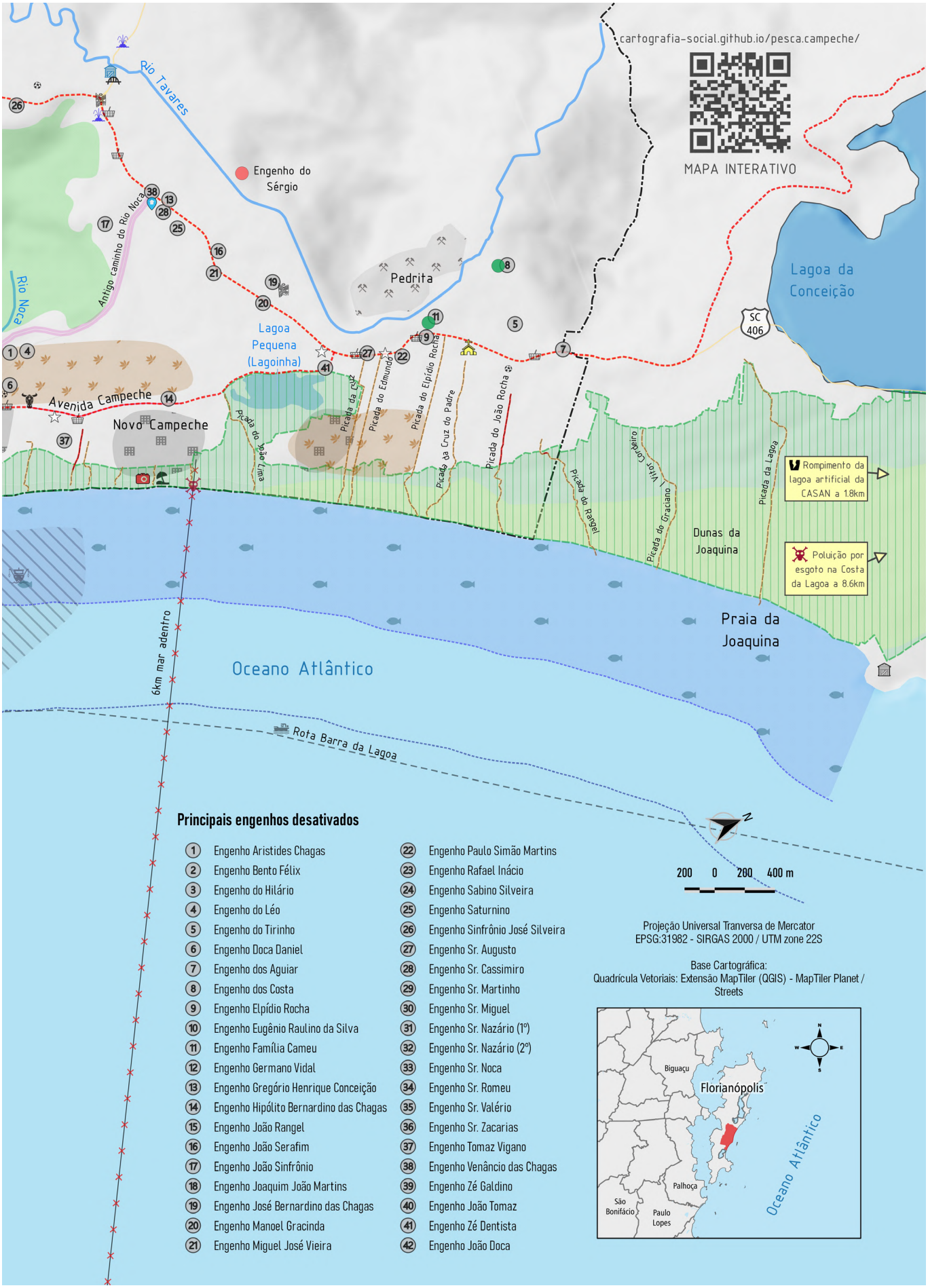
- Reivindicação de área para Parque Cultural do Campeche - PACUCA
- Reivindicação para delimitação do Corredor Ecológico Morro do Lampião-Pacuca
- Área de exploração imobiliária
- Área de mineração
- Área de pesca predatória por atuneiros

Recursos hídricos

- Rios
- Lagoas
- Fontes d'água antigas

Outros limites

- Distrito Administrativo do Campeche



Principais engenhos desativados

1. Engenho Aristides Chagas
2. Engenho Bento Félix
3. Engenho do Hilário
4. Engenho do Léo
5. Engenho do Tirinho
6. Engenho Doca Daniel
7. Engenho dos Aguiar
8. Engenho dos Costa
9. Engenho Elpídio Rocha
10. Engenho Eugênio Raulino da Silva
11. Engenho Família Cameu
12. Engenho Germano Vidal
13. Engenho Gregório Henrique Conceição
14. Engenho Hipólito Bernardino das Chagas
15. Engenho João Rangel
16. Engenho João Serafim
17. Engenho João Sinfrônio
18. Engenho Joaquim João Martins
19. Engenho José Bernardino das Chagas
20. Engenho Manoel Gracinda
21. Engenho Miguel José Vieira
22. Engenho Paulo Simão Martins
23. Engenho Rafael Inácio
24. Engenho Sabino Silveira
25. Engenho Saturnino
26. Engenho Sinfrônio José Silveira
27. Engenho Sr. Augusto
28. Engenho Sr. Cassimiro
29. Engenho Sr. Martinho
30. Engenho Sr. Miguel
31. Engenho Sr. Nazário (1º)
32. Engenho Sr. Nazário (2º)
33. Engenho Sr. Noca
34. Engenho Sr. Romeu
35. Engenho Sr. Valério
36. Engenho Sr. Zacarias
37. Engenho Tomaz Vigano
38. Engenho Venâncio das Chagas
39. Engenho Zé Galdino
40. Engenho João Tomaz
41. Engenho Zé Dentista
42. Engenho João Doca

DESAFIOS E CONFLITOS - LUTAS E REINVIDICAÇÕES

"Nós pescadores aqui recebemos pressão de tudo que é lado em cima de nós. Temos problemas com os limites da pesca da tainha, que são reduzidos: um território que é agredido pela caça malha, pela pesca industrial; não podemos pescar no verão. O emissário, poluição, drenagem, especulação imobiliária! Precisamos sempre ficar atentos ao Plano Diretor." Ataíde Silva

"Pra mim, o mais pesado que tem na pesca é a poluição das águas - não só dos oceanos, mas das lagoas. Eu falo isso porque eu participei de grandes conferências, vários países falando disso, então a gente vê que, onde está o caminho disso? Caminho disso tá na educação." Getúlio Manoel Inácio in memoriam

"A pesca artesanal no Campeche acabou quando apareceu o motor nos barcos. O motor afasta o cardume. Aí, não tinha mais peixe, não se foi mais pescar na Ilha. Não tinha mais ninguém pra trabalhar, começaram a trabalhar fora." Ciro Miguel Braz.

"Na época do meu pai era abundância, mas aí começou a pesca industrial, invasão imobiliária, os surfistas que ainda não conhecem as regras, redinhas também novas." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"Antigamente dava muito anchova, hoje não mais, por causa das embarcações a motor, que aumentaram aqui. A anchova, a manjuba, outros peixes foram pra fora daqui. Muita pesca industrial tira o peixe." Ivani Aroldo Faustino

"A tradição de levar uma canoa por cima da estiva se perdeu um pouco, precisa de força física pra isso." Ataíde Silva

"A Pesca Artesanal e o Surf" Foto: Silézio Sabino

"Hoje não é a mesma coisa, devido a especulação imobiliária. Já não dá para usar espinhel e nem tarrafa - a gente encontra muito turista na água que fica dificultoso.

Antes, o pescador só vivia da pesca, aí foram abandonando a pesca pra trabalhar nos órgão públicos, trabalhar de empregados na cidade." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

PROTEÇÃO ÀS COMUNIDADES DE PESCA ARTESANAL

"Os povos tradicionais são protegidos pela constituição, a Carta Magna, que protege nosso direito de levarmos a nossa vida como sabemos. Somos pescadores artesanais, tradicionais, somos protegidos pela constituição no artigo 216/215, e outras leis que defendem a cultura e a tradição." Ataíde Silva

“Nossa pesca é uma cultura de raiz. Lula, em 2007, baseado numa conferência mundial da ONU, quando fala na sustentabilidade da pesca e das comunidades tradicionais, que tá tudo envolvido, ele coloca um decreto presidencial 6040, que trata dos povos e comunidades tradicionais.” Getúlio Manoel Inácio in memoriam

“As leis ambientais ficaram brandas pra questão comercial. Muito crime cometido, principalmente pelos atuneiros, com pesca muito próxima da costa, muito em cima do pescador artesanal. E a pesca artesanal, com 3% na tainha, é a mais prejudicada.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“O pescador tá abrindo espaço pra discutir isso, mesmo sendo totalmente protegido por lei. O que a gente defende é um território definido pra pesca artesanal. A lei determinava 1500 metros pra nossa pesca, hoje nós estamos com 800 metros. É uma reivindicação nossa, que os 800 metros sejam protegidos. Protegido como? Que nesse espaço não possa ter navegação de espécie alguma - a não ser navegação de sobrevivência, por exemplo quando acontece algum problema no barco.” Ataíde Silva

“Respeite a Nossa Tradição” Foto: Milton Ostetto

“Para melhorar a situação dos pescadores aqui no Campeche, precisaríamos de fiscalização. A lei existe, mas não tem fiscalização.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“Preservar a cultura e tradição de um povo, mesmo que tenha que ter lei pra isso, é a base de tudo.” Ataide Silva

PESCA PREDATÓRIA

“A pesca predatória é outro ponto de preocupação. Os atuneiros vão varrendo tudo, vão limpando tudo.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“O pessoal de atuneiro pesca isca viva, pescando a sardinha pra pescar atum em alto mar. Tá fazendo um estrago lá nas praias da Ilha. E é uma barbaridade de rede! Isso aí é o fim, é o câncer da nossa pesca artesanal.” Ataíde Silva

“Os atuneiros estão com seus botes infláveis, cercando essas sardinhas na costa, evitando que elas vão pra praia. Se tirar a sardinha da praia, tira também os cardumes de tainha, porque ela não vem se não tiver o alimento dele.” Hugo Adriano Daniel

“A gente entrou no grupo da Associação aqui e o nosso secretário cobrou também do secretário da pesca. A resposta dos órgãos que cuidam é sempre empurrar nas costas dos outros e não resolve nada.” Ataíde Silva

LICENÇA PARA PESCAR

“Os órgãos ligados à pesca, como a Secretaria da Pesca, precisam liberar essa normativa para o pescador artesanal da tainha de forma antecipada. Porque a gente não sabe antes que dia vai começar a pesca, se a gente vai poder pescar ou se nessa safra vão proibir. A gente não sabe!

Tem todo um equipamento que precisa de um tempo para preparar, fazer reparos, temos um gasto. Para pegar toda documentação nas Colônias dá um trabalhão ‘Ah, tua canoa está registrada? A tua pode pescar, a tua não pode’. A gente fica indeciso se vai pescar ou não. Precisa um mês de antecedência.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA

“Essa chegada, essa ocupação de condomínios, começou por 1990. Começou em toda Florianópolis, que foi tendo expansão urbana. Desde lá vem transformando nosso lugar, nossa paisagem, muda como as pessoas circulam por tudo. Cheio de investimento imobiliário, que mexem no jeito de viver aqui, no estilo de viver, no tempo das coisas.” Ataíde Silva

“Antes, a gente andava e conhecia pessoas, rostos familiares, agora é tudo meio desconhecido, são visitantes, turistas ou novos moradores. O teu ponto de referência era o seguinte: o sol caindo mais no sul, era verão; e o sol caindo mais no norte, era o inverno. Tu não se reconhece mais naquele espaço. Hoje, no Novo Campeche se olha pra trás, tu se depara com um monte de prédios. Se olha pro mar, tu vê a Ilha do Campeche com o prédio na frente.” Alencar Valmor Vigano (Deck)

“Eu já tive experiências horríveis, quando eu fui da AMOCAM, eu já sofri agressões porque eles queriam fazer uma pousada atrás do cemitério. Não! Pousada não vão fazer ali!” Lúcia Chagas

“Um brejo pra mim é um lugar sagrado, uma Lagoa pra mim é um lugar sagrado, um rancho de pesca pra mim é um lugar sagrado, um engenho pra mim é um lugar sagrado. E toda vez que um lugar sagrado desses vem ao chão é derrubado é muito difícil aceitar. É muito difícil de aceitar que o Morro do Lampião desapareça, não há como aceitar que a Lagoa da Chica desapareça, que o Rio do Noca desapareça, que isso se transforme num loteamento com vários prédios, não vamos aceitar isso.” Alencar Valmor Vigano (Deck)

“Natureza Concretada” Foto: Mathias de Barcelos

“Essa drenagem do Rio Sangradouro nada mais é do que pra beneficiar um condomínio de 600 casas no Pântano do Sul.” Ataíde Silva

“Os problemas que nós temos aqui, de especulação imobiliária, são os mesmos dos de capital, de políticos que são voltados ao dinheiro, sem compromisso com a nossa história, até políticos que saem do nosso próprio meio.” Ataíde Silva

“A gente vai enfrentar. Florianópolis está terrível, com o prefeito empacotando tudo, entregando pra iniciativa privada, para o capital especulativo, permitindo que o capital imobiliário chegue nas nossas áreas, ocupe. Tá sendo uma luta muito grande pra comunidade.” Hugo Adriano Daniel

“Aqui é cidade grande, com muito interesse especulativo. Quando se tem um prefeito que não tem compromisso com as nossas raízes, e sim com o capital, a cultura é ferida, tratorada. Claro que a cidade cresce, isso não tem volta, mas crescimento imobiliário aqui acontece de forma desordenada, exclui a comunidade, não respeita lei ambiental e a população que sempre morou aqui.” Ataíde Silva

“As pessoas sempre querem mais e mais. Quem não quer morar bacana que nem no Novo Campeche, cheio de condomínio alto padrão com vista permanente pro mar? Mas isso tem um preço - que é a natureza e a paz de vida.” Alencar Valmor Vigano (Deck)

“Agora estamos muito ocupados para cuidar do Plano Diretor! O sul da ilha conseguiu dois pavimentos, não verticalizar, porque tem a questão da capacidade de abastecimento de água.” Ataíde Silva

“Isso aí já vem de muito antes! Que pra mim o Brasil não foi descoberto, ele foi tomado, porque já tinha a cultura aqui. E por isso que foi dizimado, porque essa terra já fazia cócegas em quem queria tomar ela.”
Getúlio Manoel Inácio in memoriam

“Florianópolis é uma ilha que tem de 85 a 90% do seu território baseado em Áreas de Preservação Permanente (APP). Precisa de Políticas Ambientais que defendam e garantam isso! Se aqui fosse preservado e organizado, todo mundo tava ganhando muito mais dinheiro do que ganha hoje.

Nós nativos, nas nossas comunidades, temos muito a ensinar. Dá pra ganhar dinheiro mas não precisa destruir.” Ataíde Silva

OCUPAÇÃO NA FAIXA DE AREIA DAS PRAIAS

“Eu me criei aqui no Campeche, hoje tô com 63 anos. Lembro que no verão, todos os dias, tinha arrasto de outros peixes. Com o tempo foi se perdendo, isso porque o pessoal foi vindo pra praia: ***“Pessoal, não vai dar de arrastar, tem muita gente na praia!”*** e assim fomos perdendo nossos espaços.” Ataíde Silva

“Eu não podia jogar uma estiva na praia, que espantava o peixe, tomava um esporro daqueles. Tem um monte de coisa que já atrapalhava o peixe vir. Imagina hoje com essa massa de gente que tem na praia.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“Antes já tinha turismo, mas era bem pouco, hoje não dá para botar a rede durante o dia porque é muita gente na areia.” Aparício Manuel Inácio

“Não tem mais como fazer arrastão, se arrasta ali vai é pegar turista!” Alencar Valmor Vigano (Deck)

EMISSÁRIO SUBMARINO - LANÇAMENTO DE ESGOTO

“Desde as audiências públicas de 2010 a gente mostra todo material, o prejudicial do Emissário. Mas eles não estão nem aí.” Lucia Chagas

“O emissário submarino está previsto para ser no fim da praia do Campeche. Vai impactar e muito. O emissário tem uma estação que trata e joga o resíduo lá perto da Ilha do Campeche. Não confio naquele tratamento. E o que sai lá não vai ficar só no mar. Tem corrente de retorno, para dentro, vai ter impacto nos peixes, gera uma poluição.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“E esses prédios todos que tão fazendo? Quantas pessoas moram num prédio desse? O dejeto vai pra onde? Fossa! E essa fossa comporta? Não! Quem tem um lote não faz uma casa, faz um prédio, e é de três andares. Hoje é!” Ademir Damasco

“Como que o Sindicato dos Hoteleiros pode defender esse plano diretor? Querem o emissário submarino pra botar o esgoto a 6000 mil metros pra dentro no mar. Quanto mais longe jogar o esgoto, mais sinônimo que não vão tratar dele! Ora! Como você trata um esgoto, deixa com 98% de pureza e joga no mar? Como não faz o reuso dessa água, em pleno século XXI? Por que não faz uma segunda rede pra devolver essa água? Nós tamos precisando de água! E são milhões pra manter um submarino anual!” Ataíde Silva

“O lençol freático tá poluído por causa das fossas das residências e prédios que ficaram muitos anos sem tratamento de esgoto. Antes a gente podia usar um chuveiro e botar na terra, porque só longe depois de 1 quilometro tinha outra casa. Agora é uma casa em cima da outra.” Lucia Chagas

“Esgoto no Campeche” Foto: Arquivo SOS Praia Limpa

“E tem despejo de esgoto no Rio do Noca, acabou com a nossa história muitos dos melhores salva vidas que temos hoje no Campeche, que se formaram nas águas do Rio do Noca. Esse despejo de esgoto, essa poluição, acarretou o assoreamento do rio, começou a crescer muito capim. Começaram os estacionamentos, canalizaram a vala pequenininha, aí matou o rio. O rio tá morrendo na própria nascente dele.” Alencar Valmor Vigano (Deck)

“A gente criou um movimento: Movimento SOS Campeche Praia Limpa, por causa da poluição no bairro, aproveitamos e fizemos uma varrida no bairro, junto com a CASAN, pra ver quem tinha esgoto. Aí tinha muito esgoto clandestino, muito, muito, tanto o Rio do Noca, quanto o Rio Rafael e ninguém é responsável por nada.” Lúcia Chagas

A CONTAMINAÇÃO DA LAGOA DA CONCEIÇÃO: UM CRIME SOCIOAMBIENTAL

“No dia 25 de Janeiro o reservatório da estação de tratamento de esgoto da CASAN rompeu vazando para a Lagoa da Conceição uma grande quantidade de matéria orgânica que acabou provocando uma drástica redução dos níveis de oxigênio na água. Ocasionando a morte de vários animais marinhos como peixes, siris e camarões, além de deixar vários desabrigados e uma insegurança total aos moradores com relação ao uso da Lagoa, até os dias de hoje.” Gisele Ramos

“Esse vazamento para nós foi o maior crime ambiental do século. Tem muito pescado gerado naquele berçário da Lagoa da Conceição, pode vir tudo contaminado pra cá, ou morto, nem se criar.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“Eu nasci na Costa da Lagoa. Peguei tempestade, furacão, ventania, temporada de chuva, mas eu estou impressionada é com o cheiro de esgoto.” *

“Dias depois do rompimento, Costa da Lagoa”
Foto: Arquivo do Dico

“Pra mim é como Brumadinho, pra quem conheceu lá em Minas Gerais. Não fizeram o tratamento adequado na Estação da Barra da Lagoa, deixaram o tratamento das Rendeiras explodir!” *

“A água está turva, escura e o cheiro é insuportável aqui.” *

“Tem muitos que pescam e sobrevivem daquele pescado, do camarão, e tão passando necessidade. Têm toda minha família na pesca, amigos, conhecidos. É uma alegria quando chega a canoa cheia de peixe: é curvina, é badejo, é linguado, é espada, é carapeva, é a nossa alegria, é o nosso fruto abençoado do mar. E agora? Sou pescador e estou 2 meses sem pescar por causa do derramamento de esgoto da CASAN.” *

“O desastre não foi só pro pescador, foi pra toda a Bacia da Lagoa, pro turismo, barco, restaurante, pro comércio. A Lagoa é o cartão postal de Florianópolis. Hoje, sem a Lagoa, a gente não é nada.” *

“Veio uma notinha dizendo que a Lagoa não tá tão poluída como eles dizem. Querem que a gente vá passando no esquecimento.” *

"Mais uma vez é o pescador artesanal que é o mais atingido, o menos ouvido. Tem que ter voz nessa história. Não é só pela ajuda na Lagoa que nós tamo trabalhando. Nós estamos trabalhando pela nossa vida! Sem a Lagoa ninguém é nada!" *

"A batalha vai ser dura, mas vamos fazer eles limparem nossa Lagoa. Vamos lutar com unhas e dentões - CASAN, Prefeitura. Chamamos a Colônia de Pescadores para estar conosco de frente!" *

"Vamos gritar, postar e falar, se manifestar! Pescador, não tenha vergonha de falar da maneira de vocês! Nós somos manezinho raiz, nós sabemos falar da nossa forma, eles entendem! Não vamos deixar eles acabarem com a nossa Lagoa!" *

"Queremos um projeto pra recuperação da Lagoa e um auxílio defeso emergencial pra já, pra ontem! Pescador do Campeche, nós pescadores moradores da Costa contamos com apoio de vocês, pra conseguir uma renda enquanto a Lagoa não está limpa, muitos não tem da onde tirar seu sustento!" *

"Nós, da Associação de Pescadores Artesanais do Campeche, temos preocupação com o que aconteceu com a Lagoa da Conceição, e nos preocupamos com o que a CASAN quer fazer com o emissário que eles querem colocar no Campeche." Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

"A Lagoa da Conceição é o coração da Cidade, o nosso cartão postal que já trouxe muita gente para Florianópolis consequentemente ajudando muito no setor turístico da cidade, dessa forma sua revitalização já foi paga antecipadamente. #EUQUEROALAGOAVIVA" Gisele Ramos

***** Falas de autoria de moradores da Costa da Lagoa

TERRAS DO CAMPO DE AVIAÇÃO

"A luta pelo antigo Campo da Aviação não é de hoje, é terra que devolveram pra União. A Aeronáutica pegou a posse e não cuidou.

E tem décadas que a comunidade usa, e isso é alvo de disputa na justiça. Agora a comunidade andou ganhando também um pedaço ali, mas é muito pouco. O terreno todo tem 350 mil m2 e acho que foi doado 100 mil m2, menos da metade. Nós não temos nada aqui no Campeche, a gente precisava de tudo que é pra fazer um projeto bonitinho pra comunidade. Tá difícil!

Tem um projeto que quer homenagear Saint Exupéry. Eu acho que a gente tem nomes de moradores nativos que deveriam estar aí, Miguel Braz, Florêncio Rocha e outros. Saint Exupéry já tem nome de avenida, tem nome de pousada. Priorizar de novo uma pessoa de

fora e deixar os nativos? Quando falei isso, uma paulista disse: eu nunca tinha ouvido falar do Campeche, mas de Saint Exupéry sim! Eu respondi: Então tu veio pro lugar errado, devia ter ido pra França! ***A história é nossa e se tiver que enaltecer alguém, queremos um nativo."*** Lucia Chagas

O TURISMO É MOEDA DE DOIS LADOS?

"O que traz gente pra Florianópolis é a beleza natural em primeiro lugar. Turismo organizado gera emprego e renda para muita gente, tem intercâmbio cultural, você conhece outro jeito de se viver, aquece o comércio local, todo artesanal. Mas, se faz turismo que nem trator, essa beleza aí que atrai é mesma que está sendo destruída pelas políticas do Estado, tão matando a galinha dos ovos de ouro." Ataíde Silva

"Vigias se confundem com Turistas" Foto: Silézio Sabino

"O turismo tem que ser preparado juntamente com o ambiente. Onde é verde é turismo, onde as dunas estão livres é turismo. ***Não adianta tu colocar uma fileira de prédio na restinga que o turista vai correr dali."*** Lucia Chagas

"No Plano Diretor, a gente defendeu o turismo como vocação da cidade. Mas um turismo que defendesse a cultura, a preservação de vários aspectos - a beleza natural e a cultural, a cultura dos engenhos, dos ranchos, da pesca, da renda de bilro, do nosso terno de reis. Tanta coisa que temos aqui que a gente tentou botar no Plano Diretor, que é uma coisa difícil, porque esse capital selvagem não consegue ver que pode haver progresso com preservação." Ataide Silva

"Turismo desorganizado tem isso: no sentido da quantidade de pessoas na praia sem respeitar, poluição das águas, travessia para Ilha do Campeche em bote a motor, o surf e o kitesurf que não sabe da pesca, rede feiticeira que espanta os cardumes, barcos para pegar iscas." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"Projeto Tekoá Pirá" Foto: Mathias de Barcelos

"Nós poderíamos ter realmente um turismo de base comunitária no Campeche, formando pessoas daqui pra fazer esse trabalho. O Morro do Lampião tem potencial, é um baita de um observatório, você tem de lá de cima vista de 360° de toda a planície. Tem outros vários pontos potenciais. Os passeios pra Ilha do Campeche que poderiam ser muito melhor estruturados, muito melhor aproveitados." Alencar Valmor Vigano (Deck)

"Mas um turismo bem preparado que seja oferecido para o turista a oportunidade dele sair com uma consciência boa, conhecer a história do bairro, isso aí é tudo. É um turismo renovado." Lúcia Chagas

"Tem leis que preservam as comunidades tradicionais, que mostram que essas comunidades tradicionais podem ser elementos de recursos, de dinheiro. Existe o turismo cultural e a gente precisa potencializar isso. Florianópolis não é só praia, turismo não é só praia, entendeu? Mas ainda não tem vontade política. O que a gente tem hoje são iniciativas padronizadas; o cara vem com um ônibus faz aquele negócio todo, mas não tem história." Alencar Valmor Vigano (Deck)

TURISMO NA ILHA DO CAMPECHE

"No Termo de Ajuste de Conduta (TAC), do Ministério Público Federal de 2006, tá combinado o máximo de visitas por dia, na alta temporada e no restante do ano. Três associações de pescadores são autorizadas para o transporte até a Ilha: Campeche, Barra da Lagoa e Armação. Só que esse máximo é extrapolado todos os dias, muitas das embarcações não estão incluídas no TAC desembarcam ali. Queremos rever esse TAC." Ataide Silva

"Ilha do Campeche" Foto: Gisele Ramos

"Tem visitação desordenada, e isso tá errado. Tem um número grande de embarcação comercial que faz o transporte irregular de turistas para a ilha. Chega esse tanto de gente ali, não tem estrutura adequada, nem de saneamento, nem para lixo. Não tem um plano de manejo." Alencar Valmor Vigano (Deck)

"O turista acessa a Ilha do Campeche através de botes motorizados. Isso tudo atrapalha o nosso pescado." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"Essa situação traz muito conflito, e os pescadores já tentaram impedir a chegada de embarcações irregulares. Então ,tem conflitos por diferentes interesses, até mesmo entre as diferentes associações de pescadores – acontece isso porque precisa organizar melhor." Ataíde Silva

"Ano passado não teve a audiência sobre o TAC por causa da COVID-19. Mas em 2019 nós fomos numa audiência que é até no final do ano. E realmente saiu umas faíscas ali porque há uma briga grande por cotas de transporte pra travessia. O pessoal do Campeche considera que precisa distribuir melhor as cotas entre Campeche, da Armação do Pântano do Sul e da Barra da Lagoa, que tá desigual. Não estamos aqui pra brigar ou fazer o pescador brigar sobre com quem é da travessia. Só que tem que equilibrar. É que é mais fácil brigar com quem você conhece, por isso que dá essa briga, porque é tudo família. Fica pescador conhecido de cara virada. ***Precisamos é brigar por nossos direitos com os órgãos certos, não entre nós."*** Alencar Valmor Vigano (Deck)

QUEM VEM DE FORA

“A vinda de muitos turistas acabou gerando coisas como localismo. A chegada de novas pessoas deve ter uma capacidade de suporte, que é a contra mão do que se está fazendo hoje. Tá se instalando uma cidade com um milhão e meio de pessoas, sem condições de mobilidade, acessibilidade, recursos naturais. Essa preocupação o nativo tem, muito grande, e se sente agredido, e nós, descendentes de açorianos, somos bem acolhedores!” Ataíde Silva

“Não queremos disputar território, mas cada um tem de entender como usar ali. É só um aparadinho que precisa, não precisa mais nada!” Miguel Quirino Braz Filho

“Tem gaúcho, paulista, que ajudam a puxar a rede - como a nossa ilha está cheia de paulista, carioca, eles também acabam ajudando a puxar. Mas não são camaradas, são ajudantes. Camaradas são aqueles que moram aqui. Tem muitos de fora que, apesar de virem de outra região, já estão há muito tempo aqui e acabam sendo camaradas porque convivem aqui com nós.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“Meu marido Miguel embarcava no Rio Grande para ter dinheiro para montar a casa. Tem gente que reclama de ter muito gaúcho na ilha, mas naquele tempo eram os Catarinas que iam para o Rio Grande do Sul trabalhar! Era todo mundo pelo Rio Grande, lá por São José do Norte...Nós compramos essa casa e o engenho com esse dinheiro”. Nair Bregue Braz in memoriam

“Tem muita gente boa de fora, pessoas maravilhosas, que não nasceram aqui, mas respeitam, que estão na luta com a gente, não pra se beneficiar e sim pra manter as coisas da gente ou buscar melhorias. E também tem nativo que não entende nada! Espertalhão, que depois de ganhar bastante dinheiro, aí que ficam preocupados com a água, e outras coisas.” Lucia Chagas

“As pessoas querem ser felizes. Se cuidarmos bem de onde estamos, sem lucrar em cima do pouco do outro, tem pra todo mundo.” Ataíde Silva

O SURF

“Aqui em Florianópolis, existe uma Lei Municipal 4601/1995 que proíbe a prática do surfe, Kitesurf e demais esportes náuticos durante a safra da pesca da tainha. O combinado é dos surfistas não entrarem no mar da praia do Campeche antes das 17h, a não ser que o mar esteja agitado e grande, ruim para pesca. Mas dá briga por conta dos surfistas entrarem no mar antes do horário. Se eles entram espanta o cardume e atrapalha a pesca. Tem praias que ficam abertas durante a safra e é permitido surfar lá.” Gisele Ramos

“Hoje, o surfista chega no nosso rancho, toma café, almoça, toma café da tarde. Nos dias de surfe, nós estamos lá, eles tomam café com a gente. Então essa interação tá melhorando. A gente não quer confusão com surfista, a gente não quer confusão com outra equipe

de pesca. Se um puder ouvir o outro, cada vez mais, vai ser melhor. Ganha o surfista, ganha a pesca.” Claudinei José Lopes (Nem)

“No Novo Campeche tá tendo Kite surf, que navega com a vela numa velocidade grande, ocupa uma área rápido, afasta mais a tainha. Isso aí tem que resolver. A gente hoje consegue se juntar com os surfistas pra conversar. Aqui teve reuniões com o surfe, em outras praias tá tendo problema, chegando nas vias de fato, um agredindo o outro. Esse conflito de surfistas e pescadores acontece só com surfista que não sabe sobre a importância da nossa pesca, mas isso é a minoria.” Ataíde Silva

“Nessa reunião com os surfistas, veio Guarda Municipal, Secretaria da Pesca Estadual, Federal, veio responsável pela Epagri. Também veio o pessoal do kite surf, kite surf feminino, Associação do Surfe do Campeche, Associação do Surfe da Areias. O pessoal do surfe do Morro das Pedras não apareceu, mas a gente conseguiu contato com eles e acertou.” Claudinei José Lopes (Nem)

“Um dia desses a gente capturou 1379 tainhas. Até às 12h30, a praia tava pro surfe. Quando tava chegando esse cardume, avisamos através de apitos e já fincamos as bandeiras de “LIBERADO PARA A PESCA”. Com o apito, a gente avisa os surfistas que é pra sair da água. Todos que saíam, a gente ia um por um e agradecia apertando a mão deles pela colaboração - e eles também: “nós tamo junto, nós tamo junto”. Então, esse acordo com o surf é o que a gente quer.

Criamos um grupo “Pesca, Surfe e Kitesurfe”. Todos os dias, 6h da manhã, no mais tardar, já tá colocado lá no grupo de whatsapp qual é bandeira do dia. Bandeira vermelha dá liberdade pra pesca. Bandeira verde, pro surfe e kitesurfe.

Sou surfista, eu e mais quatro, cinco, fomos os primeiros do Campeche do nos anos de 78/79. Os surfistas e os pescadores querem as belezas do mar, é só combinar justo.” Ataíde Silva

“Surf no Campeche” Foto: Gisele Ramos

PANDEMIA

“No rancho, que tem de se juntar pra arrumação das canoas e o reparo das redes, impactou muito na proximidade entre os pescadores, tem de distanciar.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“Na Associação, nós temos grande preocupação geral. Na quarentena não pode ir pro mar. Aqui, são pelo menos 80 pessoas na pesca artesanal, e todas essas famílias deles.” Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

“Os pescadores são pessoas que tem que estar mais junto, mais próximo, também na hora de botar uma embarcação. É todo mundo agarrado ali numa canoa pra botar na água. Isso aí gera um impacto muito grande, a pandemia na pesca e em toda a população. Não sabemos o que mais vem em relação a pesca. Eu acredito que ainda vai impactar muito.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“As nossas 4 parelhas são formadas a maioria com mais de 60 anos e isso é grupo de risco. Remendar rede quase não deu, tá tendo de ficar em casa, muita rede não deu pra terminar o trabalho.” Hugo Adriano Daniel

“Agora, com toda a situação causada pelo coronavírus, os pescadores estão bastante inseguros. Nossa Missa tradicional de Abertura da pesca da tainha, que acontece no 1º de maio, foi descartada.” Alencar Valmor Vigano (Deck)

“Pescadores na Pandemia” Foto: Milton Ostetto

FORMAS ORGANIZATIVAS A ASSOCIAÇÃO DE PESCADORES ARTESANAIS NO CAMPECHE

“A gente tem uma luta já! Em 1997 pedimos o tombamento da Ilha do Campeche.

Os pescadores criaram essa consciência ambiental que faz do Campeche hoje ser um bairro que eu me emociono, por ser um bairro tão respeitado. Quando se falava de plano diretor todas as comunidades respeitavam o Campeche pela nossa luta.” Ataíde Silva

“Os órgãos competentes também não davam apoio, só vinham aqui na época da eleição. Chegou uma época que tava praticamente abandonada a nossa pesca aqui, queriam colocar motor nas canoas de um pau só, queriam fazer essa transformação. Aí fundamos a Associação em 1998. ***Quando a gente se agrega, soma e fortalece.***

Tivemos êxito, conquistamos muito espaço. Um exemplo, teve uma época que era porque as praias estavam sem espaço para nós, com o pessoal do surfe, as imobiliárias, as invasões. Mas nós conseguimos, fizemos um trabalho em toda a ilha, convocando todos os que tinham canoa de um pau só, para mostrar as nossas necessidades de estar nas praias - não tinha mais espaço para puxar rede.” Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

“Reunião da APAC” Foto: Gisele Ramos

“Há onze anos que defendo o Plano Diretor como delegado, e colocamos até os ranchos como patrimônio histórico. Nos anos 80 lutamos pra tombar as dunas, que a gente vê não só como um lugar pra vigiar o peixe, tem o lado ecológico. Hoje tem um Parque das Dunas, o registro de todos os caminhos históricos da Joaquina até a Solidão/Saquinho.” Ataíde Silva

“Uma Associação de Pescadores Artesanais que batalhou, resgatou e não deixou a tradição morrer foi a nossa aqui. Tivemos uma grande pessoa, o Getúlio é um baluarte aqui, batalhou muito pela Associação de Pescadores do Campeche.” Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

“A AMOCAM tem 34 anos foi fundada pelo Hugo, o Jacó, o Andrino, a Lúcia que também lutam muito por nosso território. E ainda queremos fazer uma casa ali no Pacuca, uma Casa Açoriana e uma sede pra Associação de Pescadores, AMOCAM e outras entidades.” Ataide Silva

“O PACUCA ele faz parte da AMOCAM. A AMOCAM não tem uma estrutura física, vai ter dentro do projeto do PACUCA.” Lúcia Chagas

“Aí nós temos a rádio comunitária, Rádio Campeche que eu ajudei a criar também, coisa linda! Começou numa reunião, acho que foi até no Sufoco`s e não tinha mais que 6 pessoas.” Lúcia Chagas

“Tenho carteira de pescador profissional, associado na Colônia de Pescadores Z11. Hoje em dia eu não vejo muito benefício em ser associado, mas eu apoio o cooperativismo, mas é difícil de fazer, porque os pescadores não entenderam ainda que é a união dos pescadores é que vai valer a pesca.” Miguel Quirino Braz Filho

“Trabalhar no coletivo tem benefício, somando, tá ensinando, passando conhecimento, tá aprendendo.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“É uma luta, um projeto social é demorado, porque depende de tudo, depende dos ranchos e a maioria das vezes até depende dos três poderes, quando a área é federal” Lucia Chagas

“A nossa Associação, na última eleição já não tinha mais presidente. Mas o pessoal do Instituto Federal de Santa Catarina, Roberta, Giselle (Projeto Tekoá Pirá) e companhia, trouxe uma dimensão nova. O negócio cresceu, fomos premiados com um livro, o Registro da Pesca, e também o prêmio Trajetórias da lei de incentivo a cultura Aldir Blanc. Eu voltei a ser presidente. Só temos que agradecer!” Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

“Livro do Registro, uma conquista para a Comunidade”
Foto: Arquivo Tekoá Pirá

NOVAS GERAÇÕES

“A gente pode dizer hoje que os jovens primeiro vão vivenciar o sistema. Se eles quiserem manter a tradição da pesca, depois de ter alguma estabilidade financeira, aí ele volta pra pesca.” Gisele Ramos

“Nova Geração na Pesca da Tainha” Foto: Arquivo Pedrinho

“Meu filho de 18 anos eu não consegui levar pra praia. Porque a gente tem aquele pensamento: eu não posso tirar meus filhos dos estudos! Porque hoje, praia não mantém nossa sobrevivência, então tenho que dar estudo de qualidade.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“Pra estudar antes era difícil, não tinha ônibus, não tinha nada. Hoje, filhos de pescador, a maioria é empregado, tem casas de aluguel, ou já tão tudo aposentado também, uns foram policiais, outros foram trabalhar de funcionário público e assim vai.” Ciro Miguel Braz

“Meus filhos trabalham com pesca e eu me sinto muito realizado, realizado! Essa geração veio com a gente mantendo a tradição, mesmo trabalhando fora, mas a pesca não se largou.” Miguel Quirino Braz Filho

“Por que é que não tem jovem? A maioria é de pessoas de 75 anos. Eles precisam ensinar trazer gente nova, gente que eu conheço e quer, surfistas como eu, forte e novos. Novo não é 18, 20 anos, novo na tainha é 40, 50 anos. Porque é que eles não fazem isso? Será que é porque eles não querem largar o osso, os danados? Eles também precisam dar essa abertura pros jovens.” Ademir Damasco

“Eu tenho um neto aqui comigo que tem 14 anos. Na casa da mãe dele, nunca comeu pirão d’água. Aqui come pirão d’água com peixe, eu faço questão de ensinar.” José Volnei Lourenço Heerdt

“Assim como tem nas escolas matemática, física e química, deveria ter matéria pra participar da comunidade. O bairro só cresce quando a comunidade participa.” Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

“Um olhar para o Futuro” Foto: Gisele Ramos

“Meu sonho é que em todos os ranchos os pescadores façam uma safra grande, na época da tainha. Pra incentivar as novas gerações e dizer que vale a pena continuar essa atividade.” Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

“Aqui no Campeche houve uma renovação com as aulas de remo com o Getúlio Manoel Inácio. Estou muito tempo misturado com essas comunidades, quando eu chego lá e vejo jovens, eu fico muito contente, é sinal que a cultura tá passando à frente.” Ademir Damasco

“Hoje, hoje a gente tem condições de dizer assim: a cultura vai sobreviver mais umas décadas, porque nós temos remeiros novos,um pessoal mais jovem, nós temos quem tá aprendendo.” Alencar Valmor Vigano (Deck)

NOVOS REMEIROS - ESCOLA DE REMO ARTESANAL DO CAMPECHE

“Em meados de 2015, o Seu Getúlio me procurou. A parelha dele, principalmente, tava com deficiência de remeiros, e eu tinha alguns, que a gente já tava ensinando. Vimos a possibilidade de criar uma Escola de Remo. A gente tinha desavenças na época mas, mesmo assim, sentava, trocava ideia – ele é uma pessoa com quem eu aprendi muito. Ele sempre trabalhou em prol da tradição, sempre focado em manter a pesca artesanal. Independente da gente ter diferença ou não, o que era correto, tem que se falar, respeitar a decisão dele que tinha mais conhecimento que a gente.

“Formatura de Novos Remeiros no Campeche”
Foto: Gisele Ramos

Então criamos a Escola de Remo Artesanal do Campeche. As primeiras aulas foram em 2015 na frente do rancho do Seu Getúlio. As próximas foram pra Lagoa do Peri, com um método novo, em lugar que não têm força da água, se tem vento de um lado, a gente vai pro outro. Treinava já na água, que ninguém gosta de remar na areia.” Claudinei José Lopes (Nem)

“O grupo de remeiros era fechado, ninguém entrava, era raro. O patrão era muito rígido, não era qualquer pessoa que ia remar na canoa. Era bom que eu tivesse aprendido a remar quando mais novo. Mas tô aprendendo - antes tarde do que nunca, já vou pro meu terceiro ano. Tem quem rema desde os 15 anos, já tem uma bagagem na pesca.” Junior Silvino Daniel (Coelho)

“Curso de Remo” Foto: Gisele Ramos

“O seu Chico, o Getúlio, a mão deles já pegou em todas as partes daquelas canoas. Quando tu pegas aquela canoa pra empurrar, tu estas empurrando com a mão daquelas pessoas. ***Quando um remeiro novo pega um remo daquele pra remar ele tá remando com as mãos de todas as pessoas que já remaram com aquele remo.”*** Alencar Valmor Vigano (Deck)

“Quem foi primeiro falou da experiência, que era legal, nossa cultura, dos nossos avós. Fui formado no segundo ano da escola de remo. Nos formamos aqui na Missa da Tainha, no dia Primeiro de Maio - fizeram a formatura dos remeiros. E eu virei remeiro da canoa.” Eduardo Adilton Medeiros

NOSSOS SONHOS

“O futuro é incerto, a gente não sabe o que vai acontecer. Mas esse futuro não existirá se a gente não continuar, senão a pesca entra em prazo de validade. Meu sonho é que a gente não perca nunca a nossa tradição, esse gosto de pescar. Que permaneça por várias gerações a nossa tradição e nosso rancho, fazendo essa função que é pescar.” Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

“Eu queria que na pesca hoje em dia tivesse união de todos. Eu queria mesmo que fosse tudo associado, como cooperativa, igualdade para todo mundo. Uma força só!” Aparício Manuel Inácio

“Vou fazer uma pergunta pra vocês: tu sabe remendar uma rede? Quem é que sabe? Estão menosprezando esse trabalho! Meu Deus, uma escola para fazer rede, aprender a remendar rede seria maravilhoso, maravilhosíssima essa ideia!“ Miguel Quirino Braz Filho

“Um Grande Lanço” Foto: Arquivo Amilton Andrade

“Tu tem que aprender como se tu realmente entrasse numa faculdade de pesca. Poderia ter inclusive a escola da pesca, a Faculdade da Tainha.” Alencar Valmor Vigano (Deck)

“Fazer a nossa baía virar uma unidade de conservação pode ser uma saída, com um projeto a nível federal pra que tombe nossa baía. Inclusive, temos a APA da Baleia Franca em Naufragados, e aqui no Campeche também circula a baleia franca. Eu também sou da Reserva Extrativista do Pirajubaé - queremos decretar aqui uma reserva extrativista, uma RESEX, criar ferramentas de proteção a pesca, ou seja, decisões jurídicas/leis pra enfrentar a pesca predatória, que é a pesca industrial.” Ataíde Silva

“Queremos melhorar o parque no Pacuca. É um parque que não vai custar nada pro governo manter, um parque sustentável, que se alto geri, um espaço cultural, gerenciado e administrado pelas entidades do bairro AMOCAM, Associação de Amigos do PACUCA, Associação dos Pescadores Artesanais do Campeche, ou seja, um grupo gestor pra administrar.” Ataíde Silva

"Sonho em dar o lance mais grande! De novo, de novo… Eu fui o primeiro que deu o maior lance de tainha.Tomara a Deus que eu consiga fazer outro!" Miguel Quirino Braz Filho

AQUI DEIXEI MEU UMBIGO

"A Natureza, o Rancho e o Mar" Foto: Mathias de Barcelos

"Eu sou natural daqui, nasci aqui. A vila era pequena, casas de palha, casas baixas. Hoje é outra coisa." Aparício Manuel Inácio

"Falar de onde tu nasceu e de onde tu mora, é difícil, porque é uma identificação de pele com a terra. De andar, de caminhar, de ver os caminhos daqui. Por isso a luta do Campeche pra preservar a sua cultura, sua tradição, a sua paisagem. É uma luta que muitas vezes as pessoas não valorizam" Ataíde Silva

"Primeiro nós nativos queremos morar onde nascemos e vivemos. Segundo é o seguinte: nós não temos outro lugar pra morar. Não é que não temos outro lugar por causa de dinheiro - é que nós não queremos deixar de morar aqui." Ataide Silva

"Morar no Campeche é bom de mais da conta! Ô lugar bom, o Campeche não tem preço". Miguel Quirino Braz Filho

"Nós que somos nativos, nascemos em Florianópolis, podemos dizer que foi um presente de Deus. É um privilégio. Quanto paulista, quanto gaúcho queria ter nascido aqui? Escolheram Florianópolis pra morar e lutam muito por isso. Por que eles lutam? Porque ele não quer que essa terra se torne o que se tornou a deles." Ataíde Silva

"É o lugar que eu nasci, lugar da minha vida! Não penso em deixar este chão por nada. Lugar bom de se viver. ***Aqui que deixei meu umbigo."*** Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"Aqui deixei meu Umbigo" Foto: Hermes Daniel

ESSA CARTOGRAFIA

"Essa cartografia vai divulgar, vai mostrar nossa vida. A cartografia almeja uma coisa que sempre quisemos: o registro do nosso lugar. Que se consiga cada vez mais entender nossos fundamentos, para que as futuras gerações possam dar continuidade." Valter Euclides das Chagas (Valtinho)

"Essa cartografia vai registrar nossa história lá no começo, no meio e agora." Pedro Aparício Inácio (Pedrinho)

"Entrevista para Cartografia" Foto: Patricia Felix

"Mapeamento" Foto: André Oliveira

"Tem quem diz que passado é passado. Mas passado é aprendizado, é do passado que eu tiro o futuro." Ataíde Silva

"A Cartografia é um instrumento forte pra reivindicar território e seu zoneamento, pode ser uma ferramenta importante no Plano Diretor, para resistir a essas reformas em curso. Para fazer pressão sobre os agentes públicos, os vereadores, no judiciário - porque as comunidades tradicionais, com seu espaço físico, seu patrimônio, são protegidos por lei." Ataíde Silva

"Essa cartografia vai mostrar a união dos nativos, o que temos de identidade. Queremos mostrar o passado para proteger o futuro, porque realmente nosso território mudou muito e queremos nos encontrar nele." Roberta Braz

"A alma da comunidade está nesses lugares, não é negociável." Alencar Valmor Vigano (Deck)

"E quando eu falo futuro, quero dizer que todo mundo mostre do coração o que quer pra essa nossa terra!" Ataíde Silva

"Marcações no Mapa" Foto: André Oliveira

Florianópolis - Santa Catarina, 2021

CONTATOS

ASSOCIAÇÃO DE PESCADORES ARTESANAIS DO CAMPECHE

(48) 99158 1858
aspac1998@gmail.com
@apsac_desde1998

PROJETO TEKOÁ PIRÁ

(48) 99176 7823
projetotekoapira@gmail.com
@projetotekoapira

REALIZAÇÃO

ASSOCIAÇÃO DOS PESCADORES ARTESANAIS DO CAMPECHE

Tekoá Pirá
Turismo de Base Comunitária

GESTÃO

INSTITUTO CAMPECHE

SOMOS ODS 2021

APOIO

INSTITUTO FEDERAL
Santa Catarina

EDITAL ELISABETE ANDERLE
DE ESTÍMULO À CULTURA

Fundação Catarinense de Cultura
quatro décadas

GOVERNO DE SANTA CATARINA

Projeto selecionado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura – Edição 2020, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense da Cultura.